



0-202520-5

10000
38

C. M. B.
BIBLIOTECA

BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES

TEBE

Director Honorário: MÁRIO CAMPOS HENRIQUES

Redacção e Administração: Tipografia «Vitória»

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» — BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director e Administrador: ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

Ao completar mais um aniversário, «Boletim Social da TEBE» apresenta cumprimentos à imprensa, aos assinantes e leitores, aos amigos, aos colaboradores e ainda aos seus prezadíssimos anunciantes.

Ligeiras considerações a propósito do quinto aniversário do BOLETIM SOCIAL DA TEBE

DEPOIS de tanto esforço intelectual dispendido, de muitas e dispares incompreensões, de algumas injustificadas indiferenças e, até, de certas hostilidades, o «Boletim», explicando-se e estruturando-se, completa-se com um agregado de valores que não receia deixar nestas colunas seus anseios e preocupações intelectuais.

Ao transpor o limiar dum novo ano de existência, o «Boletim Social da TEBE» experimenta uma alegria natural e justificada, pois, nestes cinco anos vividos, parece-nos que sempre serviu com lealdade o lema que o guia: jornal de trabalhadores para trabalhadores tem seguido com o pensamento em Deus, Pátria e Família.

Canseiras, labores intensos, horas de sacrifício roubadas ao descanso, tem sido a vida destes cinco anos. Incompreensões e horas de desânimo alternadas com momentos e atitudes de simpatia e aplauso têm feito parte destes cinco anos de vida, também, do «Boletim Social da TEBE». Mas não nos deixamos sucumbir nas horas de desilusão assim como não nos desvanecemos, orgulhosos e triunfantes, nas horas de júbilo. Umaz e outras aceitamos como merecidas umas vezes, injustas outras, mas todas aceitamos e, acalentados pelo sonho alto de elevar o nível espiritual dos nossos operários continuaremos firmes e serenos, abrindo uma clareira de luz entre a floresta densa das preocupações materiais do dia a dia daqueles que, honradamente, trabalham para ganhar o pão.

O desejo mais sincero do «Boletim» é ser o amigo que conforta, o companheiro que ajuda, que anima e diverte e, ainda, o mestre que ilucida e dá a conhecer um pouco de cultura, de arte, de poesia, enfim, um pouco de quanto empresta à vida: Beleza, Harmonia e Bondade.

E o que se torna mais lamentável é que são quase sempre os que julgávamos amigos

COLABORAÇÃO

COLABORAM NESTE NÚMERO OS SEGUINTESENHORES:

D. Maria Lúcia Miranda Baptista — D. Maria Matilde — Mãe — Alberto Leal — António Baptista — Armando Leça — Artur Tojal — Augusto Soucasaux — Carlos Quinta e Costa — Cláudio Corrêa d'Oliveira Guimarães — Fernando da Costa Fernandes — Flor do Tojo — Francisco de Babo — Dr. Francisco Mata Mourisca — Jaime Ferreira — Padre João Pereira Linhares — Mascarenha Sineiro — Sidónio Ferreira — Teixeira Pinto — Waldemar Esteves

Capa de Gonçalves Torres

Desenhos de António Carlos Esteves e Gonçalves Torres

Fotografias de Manuel Júlio L. Torres

Composição e Impressão da Tipografia «Vitória»

ANUNCIANTES

Honram-nos com a sua publicidade, o que agradecemos, as seguintes Firmas:

A. Correia da Silva & C.ª, Ld.ª — A. J. Moreira — Bouhon & Irmão, Ld.ª — Carlos Cardoso — Ciba — Companhia Industrial de Fibras Artificiais — David de Sousa — E. Brunner & C.ª, Ld.ª — Fábrica de Borrachas «Enfim» — FFL-Fiação do Leça, Ld.ª — M. Carvalho de Abreu — José Correia Ramos — Manufatura Nacional de Fechos de Correr, Ld.ª — Manuel de Sousa Lopes — Orgânica — Produtos Sandoz, Ld.ª — Santos & Teixeira, Ld.ª — Simão Guimarães — Sociedade Portuguesa Arliquida — Fábrica de Fiação e Tecidos de Barcelos, Limitada — Singer — António Peig, Ld.ª — Belarte — Vilos & Vilos

os primeiros a agregar-se aos da má língua com o intuito mesquinho de destruir e desalentar o que, sabe Deus como, fomos erguendo.

É certo que todos os homens têm o seu temperamento, a sua filosofia, a sua essencialidade e como essa filosofia mentaliza uma cultura, assim nós, situados num plano traçado com insuficiências que reconhecemos, desejamos, contudo, não confundir ideias, não menosprezar altos princípios; mas tão somente continuar a levar a nossa mensagem humilde, singela por vezes, mas sempre permeada de amor e concórdia entre os homens de boa vontade.

E se todos, embora de crenças e princípios diversos, nos permitíssemos um auto-exame, verificaríamos da nossa insignificância, concluindo que a vaidade, além de injustificada, é afrontosa para a sociedade sensata que honradamente moureja o pão quotidiano.

Se sempre disséssemos a verdade, se fôssemos justos e humanos, o mundo, como símbolo translúcido que nos envolve a todos, seria mais belo e a ânsia de viver transbordaria da alma numa auréola crescente de possibilidades de compreensão e respeito mútuos.

O despotismo avança trágicamente arrastando na sua fúria os humildes, os pacatos, os dóceis e os ingénuos. E esse despotismo, arvorado com a bandeira de uma falsa filosofia, vai corrompendo tudo e todos, repugnando pensar se o mundo houvesse de parar... o que seria o homem?

Tudo que nos rodeia: o génio, o amor, o ódio, a crença, a intuição, etc., constituem o complexo problema das personalidades e formam as características duma grande multidão que adora o novo, a surpresa, o escândalo e a ambição.

(Continua na página 14)

Uma tradição encantadora

Alminhas, padrões de Portugal cristão

Por Francisco de Babo

ESTE é um recanto minhoto.

Um rincão, como alegre de jardim mimoso e variegado de cores.

O Minho todo contrasta especialmente com o árido e despido Alentejo, a que faltam graças feminis e delicadas. Todas as províncias, é certo, têm sua beleza característica, seus dons, sua popularidade, mas o Minho é, no consenso geral, o jardim de Portugal.

Ora, se nele a Natureza é mais pródiga e dadivosa, vamos a manter-lhe na alma mais feitiço de encantos, mais elevação, mais espiritualidade.

Hoje é apenas um polvilho de candura religiosa que ponho diante do olhar observador de quem me ler, o qual, sendo uma faceta da alma terna do nosso povo, é um produto real da sua sensibilidade e se converteu numa tradição encantadora, que perdura há séculos.

Modestas e recatadas são as *alminhas* dos nossos caminhos e encruzilhadas e, contudo, que doçura elas transcendem!

Fruto de fé pura e esclarecida das gerações de antanho, são uma verdadeira exteriorização da piedade e caridade, pois, almas compassivas as do nosso povo, não podiam esquecer os mortos, os da sua família carnal, os seus amigos e, numa sublimação cristã, todos os mortos da grande família humana, porventura em expiação no Purgatório, antes de atingirem a Bem-aventurança.

As *alminhas* dos caminhos, das estradas, incrustadas nos muros e paredes de quintais e de casas, destacadas em construção autónoma, são materialização ou expressão desta piedade, desta caridade, desta sensibilidade do povo cristão da nossa terra.

Mas, as *alminhas* põem uma nota poética e doce na paisagem, que engrandecem, que sagram e abençoam.

Não só os velinhos e as crianças as respeitam e lhes rezam, mas o saudá-las ao passar e erguer ao Céu uma prece faz parte da educação recebida em família ou na casa de Deus. E homens ou mulheres são pelos singelos, talvez rústicos nichos, advertidos de que, após a vida, vem a morte; após a morte, o julgamento; e, na melhor e esperada das hipóteses, virá o tempo da purificação final no fogo.

Reza-se pelos que já foram — tantos que são nossos! — para que Deus lhes apresse a libertação. Deita-se uma esmola na greta do cofre ali embrechado, para que se some às outras de outros e se transforme no sufrágio dos sufrágios, o Santo Sacrifício da Missa.

Ao determo-nos para estes gestos e actos, concebemos a esperança de que outros, após o nosso passamento, por ali passem e, reverentes, de nós se compadeçam também, em religioso balbuciar do Pai-Nosso e Avé-Maria e em generoso óbulo, arrancado, porventura, à própria penúria ou pobreza.

Não passemos indiferentes diante das *alminhas* da nossa terra, padrões do nosso Portugal cristão, marcos de eternidade à beira das estradas, lembrando aos vivos que fica perto a região dos mortos e pregando-lhes a cristã solidariedade com eles.

Rezemos por eles, para que eles nos procurem o Senhor, pois amigos d'Ele são e benquistos.

Nas nossas províncias do Norte abundam ainda estas edículas, escapas à voracidade e atrevimento do tempo e ainda ao vandalismo de certos ventos malsãos e ímpios.

Se realmente estes templozinhos nos diferenciam dos outros povos em peculiaridade de tradição e em cunho de piedade e sentimento, acarinhe-mos e demo-nos ao zelo do seu restauro em congregação de esforços e angariamentos de contribuições voluntárias para o efeito.

E que o vosso apostolado, ó bairristas que me lerdas, vos leve a erguer mais *alminhas*, se no vosso lugar nenhum destes templozinhos logrou a dita da sobrevivência ou se, por novo, ainda não foi marcado com este selo portuguesíssimo duma enternecedora tradição.

Agora podeis conseguir um painel de azulejos com a imagem mais da vossa devoção e encantamento: Jesus Crucificado, um calvário mais completo, a Virgem do Carmo ou Nossa Senhora do Rosário sob a invocação de Fátima, quiçá com os pastorinhos videntes, o que for da vossa preferência.

Em segundo plano, ao fundo, ficará o mar de fogo com as almas por ele envolvidas: — o Purgatório.

Erguei destes santuários tamanhos por toda a vossa freguesia e, ao cabo, seja solicitado o Senhor Abade para vir solenemente dar a bênção, em piedosa festa paroquial ou simplesmente local.

Antes, foi com a sua complacência, quanto a local e arquitectura, que a edícula se construiu. A chave lhe será entregue consoantes as canónicas disposições ou a legislação eclesiástica.

Foi assim enriquecido o património espiritual da Nação, opulentando o património local ou paroquial.

Leitores do «Boletim Social da TEBE», não descanseis, que o remorso vos não poupe, enquanto não puserdes mãos à obra da construção e aformoseamento de *alminhas* na vossa terra.

Temos de reportuguesar Portugal.

E Portugal reaportuguesado é Portugal recristianizado.

E dos mais formosos tímbrs da tradição portuguesa é a devoção das *alminhas*.

Vivemos em cruzada, vivemos em campanha pró *alminhas* cuja construção e restauro vão alastrando por Portugal além, nas terras da metrópole, nas ilhas adjacentes e na vastidão dos territórios ultramarinos.

Avante! São sacerdotes e missionários, são bispos cá e lá, são homens e senhoras, são particulares e homens públicos que estão pondo carinhosamente, devotadamente, mãos nesta obra tão simpática, tão cristã, tão poética, tão portuguesa. É a hora das *alminhas*! Deus o quer.

Atenção: É de muito proveito a aquisição do livro *Alminhas Portuguesas*, da autoria do nosso colaborador supra, o qual, ainda que recente, não demorará a esgotar-se. Tem 220 páginas e 150 gravuras, magnífico álbum de nichos e desenhos de *alminhas*.

Pedidos à Administração do «Boletim Social da TEBE» ou ao autor, no Colégio de Ermesinde — ERMESINDE.

Quadras alusivas à oliveira e azeitona

No concelho de Pinhel cantam-se as seguintes quadras:

A oliveira pequena
Que sombra pode ela dar?
Homem pobre, sem dinheiro,
Qu'amores pode tomar?

Oliveira do pé d'ouro
Deita galhadas de prata:
Menina, dê os seus olhos
A quem por eles se mata.

Oliveira é verguía
Dá-lhe o vento, troce, troce,
Quem tem amores na terra,
Ou lhe escarra ou lhe tosse.

Se a oliveira falasse
Ela diria o que viu:
Debaixo da sua sombra
Dois amantes encobriu.

Oliveira pequenina
Também tem pequena sombra:
Ainda que eu sou pequenina
Você comigo não zomba.

Oliveiras, oliveiras,
Oliveiras, olivais:
Tenho o coração mais negro
Que a azeitona que nos dais.



Sobre a azeitona e a oliveira temos um folclore riquíssimo e invejável, pois estas quadras (possuímos muitas mais) traduzem, com real extensão, o simbolismo da paz e do amor.

E o azeite, óleo sagrado, «*alumeia* (alumia) o Santíssimo Sacramento» é óleo santo, «que sagra monarcas, unge moribundos in extremis». Por estas razões, a azeitona e o azeite são cantados com excelsa beleza e encontram um culto particular na alma de toda a gente.

A. B.

As malhas TEBE são uma mensagem de bom gosto.

Entram em toda a parte, no Ministério, na Universidade, na Oficina, no Campo.

Santa Casa da Misericórdia de Barcelos

Reunião da Mesa com as Autoridades locais

A Imprensa foi convidada a assistir, sendo-lhe prestados, pelo Dr. Mário Norton, todos os esclarecimentos de quanto se vai fazer para engrandecimento do património assistencial desta cidade

Dr. Mário Norton, numa síntese, traduziu o plano que se propõe levar a cabo.

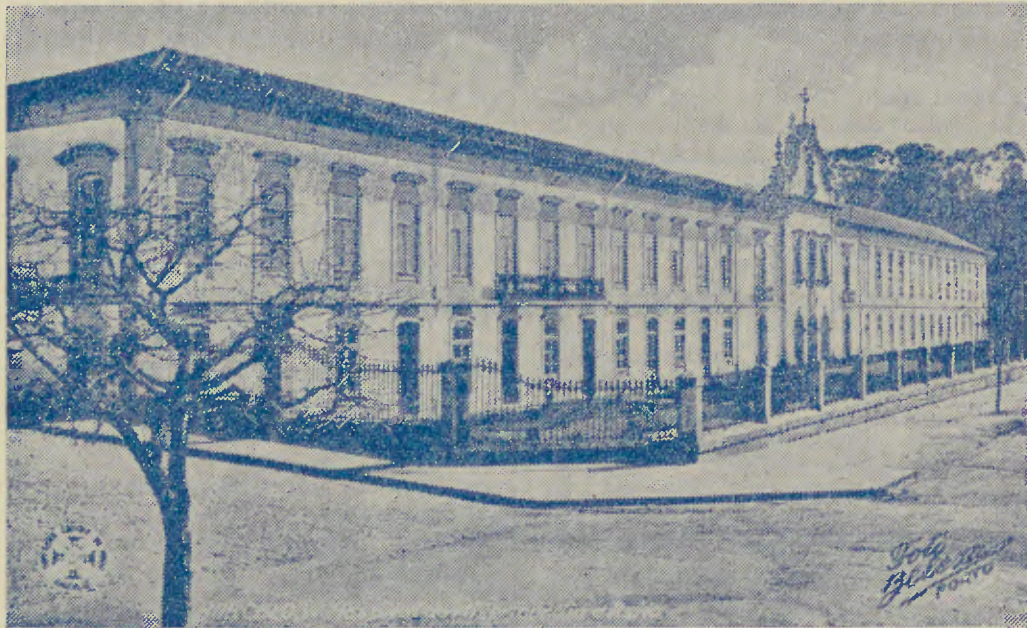
Focando a *Quinta da Ordem*, referiu-se à sua breve urbanização como finalidade do legado.

Seguidamente falou da construção dum *Bairro* de casas económicas destinado a famílias modestas. Disse do alcance deste bairro numa cidade onde o problema habitacional é, sem dúvida alguma, conflagrador. Na obra serão aplicados capitais do fundo permanente. O enquadramento do bairro vem aumentar o valor estético da cidade e, como é óbvio, enriquecer o aspecto social de Barcelos.

dades e ainda como cumprimento do legado, que sempre desejou na *Quinta da Ordem* um centro para convalescentes. Evidentemente que não se pode fazer tudo duma só vez e, assim, de início, só beneficiarão daquele centro as crianças pobres em convalescença.

São as crianças, esses seres em formação, que deveras merecem especial cuidado e carinho após períodos agudos de doença em que a debilidade física e moral tanto precisam de estímulo e alimentos são. Esta obra, só por si, impor-se-á a todos os homens bem intencionados.

Na evolução da exposição à imprensa, o Snr. Dr. Mário Norton,



Edifício do Hospital e Asilo da Misericórdia de Barcelos

Referiu-se, também, ao problema do lançamento da ponte sobre o Cávado, às suas alterações e, posteriormente, à possibilidade de se assentar, em definitivo, na sua verdadeira arquitectura, pontos de contacto, etc., etc.

O problema das moradias, sua arquitectura, sua situação, sua implantação, seu custo, tudo isto mereceu sério e demorado estudo por parte das autoridades competentes e analisado pela mesa da Santa Casa de Barcelos que deseja iniciar a construção com a rapidez necessária.

Numa sequência lógica de ideias e projectos, o Snr. Dr. Mário Norton sintetizou o futuro *Centro Social de Convalescença* nas suas possibili-

conseguiu fornecer os elementos substanciais da construção do Hospital Sub-Regional, dizendo que está quase elaborado o projecto do mesmo, pondo em evidência os recursos próprios e a certeza da boa compreensão do povo deste concelho para uma obra que pertencerá a todos os seus filhos.

No prolongamento da sua exposição, o seu provedor, fez referência à situação financeira da Misericórdia local, traduzindo em números concretos o significativo montante de 2.156.614\$60, proveniente do Brasil, do barcelense Paulo Felisberto e distribuído equitativamente pela Misericórdia e Asilo do Menino Deus.

A terminar focou o contrato

ARQUITECTURA RURAL

da região de Pinhel

HUERTA LOBO escreveu um trabalho intitulado "Áreas regionais na arquitectura da Beira" que merece, sem favor, demorada leitura, crescente estudo, e, portanto, um certo interesse a quem, como nós, de há muito se dedica ao estudo de Pinhel e seu concelho.

A fim de darmos uma ideia da arquitectura regional de Pinhel, servimo-nos do artigo publicado no n.º 156 da revista "Vértice" da autoria de Huerta Lobo, que traduz, naturalmente, a essencialidade da casa rural com todas as suas limitações e primitivismos.

No meio de uma mistura de estilos, sem, realmente existir uma arquitectura típica, subsiste contudo, como há muitos anos a casa "de planta quadrangular, por vezes rectangular, com escadas de corpo saliente, e cujas paredes são formadas por grandes pedras em geral talhadas, e as coberturas forradas com telha de canudo que vai sendo substituída pela de Marselha.

Nuns exemplos a escada saliente é apenas coroada pelo patim de pedra fazendo muitas vezes ressaltos em relação à parede do lanço, mas noutros tem guarda de pedra, rebocada ou não, noutros de madeira, noutros de varões de ferro.

São correntes os patins cobertos com alpendres.

Na parte inferior do lanço ou em lojas anexas vivem os animais, quase sempre machos ou burros e porcos.

Nas aldeias do concelho de Pinhel, como aliás em todos concelhos de Portugal, nota-se uma corrupção de estilos, e às velhas casas solarengas vão roubando, pelo menos interiormente, a traça primitiva.

Se é certo que a exigência da vida moderna obriga a um estudo sério e imediato do problema habitacional; por que é que se não faz esse estudo no sentido de manter e conservar a arquitectura típica das regiões?

Pinhel está a sofrer as inclemências da falta de critério sobre estes assuntos. Bom é que ponderem e meditem sobre este problema que tanto interessa à região.

*A cinta TEBE
é a elegância personificada*

com a Federação das Caixas de Previdência para se iniciar a assistência cirúrgica aos beneficiários da Caixa de Previdência.

Também se referiu ao monumento ao benemérito Paulo Felisberto a erguer num local desta cidade.

Não está ainda assente o sítio onde ficará o referido monumento.

E assim terminou esta reunião da imprensa onde se ventilaram grandes problemas assistenciais e que merecerão, certamente, de toda a gente, a melhor compreensão e cooperação.

SANTO ANTÓNIO

Por MARIA LÚCIA

É no dia 13 de Junho que se recorda a figura deste grande Português, prègador notabilíssimo e tão virtuoso que, antes de morrer, já era grande a fama, que tinha, de santidade.

Santo António é realmente o Santo a quem o povo português dedica maior devoção. Devoção sincera e respeitosa apesar da liberdade e da familiaridade com que O trata. É assim a nossa gente: crente e reconhecida, mas galhofeira e irreverente!

O nome de Santo António anda na boca de todos os portugueses, quer nas horas de aflicção ou angústia invocando-O fervorosamente, quer nas horas de alegria, entoando-Lhe hinos de louvor. Noite de Santo António! Noite de fogueiras em que os corações moços tantas vezes se queimam! Noite de cantigas e alegrias profanas, noite de liberdade nas atitudes e nas palavras, noite dos balões coloridos que sobem ao ar, doidamente, cheios de luz, mas que depressa se desfazem tal como as ilusões da mocidade. Noite de Santo António, noite de arraial popular, em que novos e velhos se misturam numa mesma e sã alegria.

Há foguetes de artifício, há cantigas maliciosas, há ditos picantes, e tudo, Deus seja Bendito, na melhor intenção de louvar o querido Santo António!... Lá do Céu o grande Taumaturgo para apreciar a sua festa, precisa certamente de tapar os ouvidos e, quantas vezes, de fechar os olhos também. Mas Ele que é Santo e é Português, tudo perdoa ao seu bom povo, pois como ninguém, sabe ler nos corações e por isso neles vê... quanto amor, quanto respeito, quanta devoção sincera, Portugal inteiro Lhe dedica.

Não há cidade, vila ou aldeia que não possua uma igreja, uma capela ou um altar dedicado a este Santo, tão nosso.

Muitos e variados são os nichos a Santo António, espalhados por todo o Portugal, ornamentando as casas burguesas, os muros rústicos das aldeias ou os portões austeros dos solares. É bem profunda e sincera esta devoção da Pátria Portuguesa a este grande Santo, seu filho, do alvorecer ainda da nacionalidade. Pelos séculos fora, porém, Ele sempre esteve presente ao lado dos seus, nas batalhas, nas viagens, em todos os momentos grandes e graves da História. Do seu valor, nas lutas, falam os arquivos dos regimentos, pois, algumas vezes até, recebeu condecorações... tão viva era a sua pre-

sença entre os que combatiam. Conta-se que pelos seus feitos chegou a ser promovido a altos cargos em alguns destacamentos.

De Santo António contam-se muitos e inúmeros milagres, tantas eram as virtudes atribuídas a este bom frade capuchinho. De boca em boca, as lendas, foram passando de geração em geração. Santo António, em todas as aflições, acudia pressuroso aos que com piedade O invocavam. Há milagres que nos enternecem e há milagres que nos mostram Santo António, tal como os seus conterrâneos O apresentam: divertido e brincalhão.



Todos têm ouvido falar no «Sermão aos peixes» em que Frei António desiludido e desgostoso com os homens que não ouviam as suas palavras de verdade luminosa e tão pouco seguiam os seus conselhos para levarem uma vida mais austera e mais piedosa, foi, triste e cabisbaixo, junto ao mar, fazer um daqueles seus sermões tão cheios de eloquência e suavidade, aos peixes e — milagre de Deus — dezenas de peixes grandes e pequenos surgiram à superfície da água escutando, atentos, as palavras do Santo. Como este, quantos milagres lendários se contam de Santo António.

Na era em que viveu, a cultura era muito restrita ainda e, por isso, os seus contemporâneos não tiveram a preocupação de deixar escrita a narração dos

Produtos CIBA Limitada

REPRESENTANTES DE:

CIBA Societé Anónyme, Bâle

Anilinas, produtos auxiliares
e resinas sintéticas para as
indústrias têxteis
e de curtumes.

Rua de Gonçalo Cristóvão, 277

PORTO

mais belos episódios da sua vida, tão interessante e significativa.

Sabe-se apenas que Santo António nasceu em Lisboa nos fins do século XII, numa casita em frente à Sé de Lisboa, que ainda hoje se chama a «Casa de Santo António».

Chamava-se Fernando de Bulhões, e dizia o povo simples e ingénuo, que já desde pequenino operava prodígios que a todos maravilhava.

Cedo entrou para a vida religiosa, de muito novo começou a aborrecer o mundo, cheio de vícios e torpezas. A sua alma cândida aspirava a uma vida pura, liberta das paixões mundanas e das ambições mesquinhas da sociedade desses recuados tempos.

Acolheu-se ao Convento de S. Vicente, onde em 1210 entregou o hábito de cónego regente. Mais tarde, porém, seguiu para o mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Ali permaneceu Ele o período da vida que decidiu o seu futuro, pois no silêncio dos claustros fortaleceu a alma, deixando nela medrar, apenas, as virtudes e espeznhando, com energia, as tentações sedutoras porque o verdor dos anos, por vezes, Lhe fazia refferver, ainda, o sangue cheio de vigor.

Em Santa Cruz, na vida aus-

tera do Mosteiro, temperou a alma para os combates astuciosos do demónio, pela renúncia dos prazeres, pela oração fervorosa e pelos sacrifícios constantes que o rigor da Ordem Lhe exigia; em Santa Cruz fortaleceu o espírito e a inteligência, consagrando-se todo ao estudo profundo da ciência do seu tempo. Ali ministravam o ensino os mais altos valores da época; ali pois se formou e cultivou a alta inteligência daquele novo frade agostinho.

Em Santa Cruz — alguém disse — se fez sábio e se fez santo... Mas D. Fernando Martins, pois assim se chamava este cónego regular agostinho, anseava porém, uma vida de intensa actividade, porque precisava de deixar transbordar do coração toda a sua bondade e queria derramar pelas gentes a beleza perfumada da Doutrina de Jesus. Em breve, por isso, trocou a ordem em que professava pela humilde e pobre ordem fundada por S. Francisco de Assis, o Poverello.

Como frade menor partiu para Marrocos, levado pelo sonho alto pelo ideal sublime de dar a conhecer aos infiéis a Verdade Redentora.

O Nome deste Santo perdurará pelos séculos fora dada a evocação que persiste na alma do nosso povo.

Pequenos apontamentos de etnografia e folclore do concelho de Barcelos

SE a psicologia do povo se reflecte também exuberantemente, entre outras manifestações que lhe são próprias e peculiares, nas danças e cantares, se ele é o repositório infundável de lendas e possuidor de um adagiário incomensurável, o estudo dessas mesmas manifestações populares, das suas crenças e dos seus costumes, deve ter como base a apreciação directa, escrupulosa, com rigor de observação acompanhado de toda a probidade que não admita a mais pequena concessão à alucinação que se vai desenvolvendo, nos nossos dias, e que poderá conduzir, pela ânsia sôfrega do que é afamado, à adulteração e à desnacionalização, desvirtuando-se, criminosamente, com mira na refulgência de exhibições em público, a simplicidade dessas manifestações, quer elas se nos apresentem em máximas ou em revelações artísticas cheias daquela espontaneidade rústica, sem ademanos ou arrebiques.

É quase sempre, invariavelmente, na singeleza que se observa na gente rústica, bem possuída daquela influência que sobre ela, rígida e determinantemente, exercem quer as condições e natureza de actividades, a diversidade e diferenciação de trabalhos de região para região, quer a panorâmica, quer a natureza do próprio solo, circunstâncias que influem decisivamente no carácter e na índole mais ou menos expansiva do nosso povo, que deveremos rebuscar e enquadrar toda aquela série de usanças e costumes, cujo estudo faz desenvolver o culto

fervoroso pelas tradições ancestrais e usos que venham de tempos de antanho, não podendo, seja quem for, furtar-se a que tanto quanto maior ele for, maior será a revelação e a radicação do amor pelo povo do nosso País, não devendo esquecer-se que a fidelidade de reprodução do que, mesmo sendo velho é novo para nós, deverá ser determinada pelo conceito já formulado na antiga Grécia: — «O belo, é o esplendor do verdadeiro».

A verdade, não admite fantasias.

A riqueza folclórica do nosso concelho é grande e bem diferenciada é a forma como as gentes aldeãs da nossa região conceberam as suas danças, tão eivadas de originalidade e inconfundíveis que são.

O estudo a que me reporto, além do mais, identifica-se com uma estreita solidariedade com gente que sendo da mesma nacionalidade, fala a mesma língua, canta e dança o que os nossos avós foram ensinando e transmitindo de geração em geração até aos nossos dias.

Da recolha efectuada no concelho, distingue-se neste número, o seguinte:

A dança do SAPATINHO, que tanto se diferencia de outras danças populares, quer desta quer de outra região, como sejam o «Vira», o «Malhão», a «Cana Verde» e o «Regadinho», foi-nos revelada por acaso, por ouvirmos a moda e termos indagado sobre ela. Já pouco era dançada.

As mulheres do campo, cantam-na ainda, no decorrer da sua faina.

Mas a dança, essa ia-se perdendo.

A raiz é a mesma. Revela-nos a pureza das danças caracteristicamente barcelenses, diferencia-se, distingue-se, faz notar desde logo, a quem a observe, que o seu desenho, a evolução dos pares e mudança brusca de ritmo, tem algo de original, de inconfundível.

É dança absoluta. Não é relativa nem comum.

Ainda em Barcelos, por exemplo, a Sul do concelho, em tempos distantes, o povo concebeu a dança do «Regadinho», cujo canto se encontra espalhado por grande parte do nosso País, e parece-nos bem original a forma como, com a dança, o povo deste concelho interpretou o canto que ouvira, dando-lhe movimento, harmonia maravilhosa, franco desembaraço, virtualidade, pujança e diferenciação bem vencedora.

E como se não bastasse já a este histórico rincão português, a sua alta nobreza folclórica original e bem portuguesa, quando das invasões francesas, aqui deixaram os soldados de Napoleão, a Norte do concelho, a dança a que o povo chama a «CHULITA REDONDITA», de linha melódica onde há leveza e limpidez, plena de maviosidade, denunciadoras, exactamente, do estilo da velha valsa francesa, com a marcação dos três tempos do compasso ternário bem distinta, vagarosa, suave, melancólica e nostálgica a lembrar-nos algo de distante.

No próprio movimento dos bailadores há leveza que encanta, deslizando vagarosamente com aprumo e delicadeza.

Foi-nos explicada, cantada e dançada por uma simpática velhinha de 80 anos, figura fina de camponesa, que, em dada altura, nos segredara maliciosamente para que as jovens donzelas que estavam perto não ouvissem e ficassem escandalizadas:

«Agora, já não pode ser como dantes. Noutros tempos, quando era nova, o corpo pedia e a gente lhe fazia a von-

As malhas de seda

TEBE

ajudam a beleza do seu corpo e melhoram a sua elegância.

No próprio interesse de V. Ex.^a, minha senhora, deve preferi-las.

tade toda com gosto, alegravamos-nos e deixavamos contentes quem estivesse juntinho de nós e fosse novinho, rapioqueiro, brincalhão».

A «VAREIRA», tal qual é dançada e foi recolhida na freguesia de Negreiros, a Sul do concelho, é a dança preferida para culminação da faina agrícola ou para os momentos de grande animação e quando há bastantes pares e abundância de gente moça, brincalhona e alegre.

Cheia de pujança, onde há simplicidade, mas alegria e entusiasmo a rodos.

É daquelas de que o eminente folclorista Ex.^{mo} Snr. Doutor Augusto César Pires de Lima, diria que rescende a rosmaninho dos montes, com a cor e graça simples da sargacinha, que não cheira a água de colónia nem fere a vista com o vermelho vivo ministrado pelo Instituto de Beleza onde nunca fora submetida à tortura.

E por agora, como o espaço nos é limitado, abstenho-nos de referências a outras danças e cantares já recolhidos.

Para revelar e difundir essa riqueza folclórica do concelho de Barcelos há que ter o maior cuidado e ter-se em atenção o princípio dominante de que as manifestações de verdadeiro cunho popular vindas de tempos que estão já para trás de nós e que não foram ainda influenciadas pelo cosmopolitismo e hábitos incarcaterísticos das gentes das cidades, se querem reveladas sem se adulterarem, desnacionalizando-as ou enxertando-as especulativamente mercê de conveniências e motivos inconfessáveis que, se glorificam e valorizam falsamente o indivíduo, atraçoam criminosamente aquele sentido e conceito de regionalismo bem português afectando a pureza do que é verdadeiro, sobrepondo a este a fantasia inadmissível.

A probidade tem de ser total, sem concessões, e a integridade é factor imprescindível a quem tenha de coligir, indagar e recolher motivos etnográficos e folclóricos na sua verdadeira originalidade que traga a lume, com toda a dignidade e fidelidade, aquela maneira de ser e conceber as coisas e aquela exteriorização bem regionalista, bem marcada e inconfundivelmente portuguesa.

Eosfer



e... como santos de ao pé da porta não fazem milagres... saiba-se que o Rancho Regional (e porque folclórico?) de Barcelinhos... Barcelos... canta e toca com tão rara afinção, dança tão apropriadamente, é tanto do Médico-Cávado, um Minho de Região marcada, que gostosamente o aplaudo e, se fosse de Barcelos, o levaria longe, certo da sua graça e colorido minhoto. A publicidade de retransmissões e discos das vozes dos seus pares e toca indispensáveis, levarão alto o seu prestígio. Não o duvido.

2/8/958

a) Armando Leça



Por JAIME FERREIRA

DEDICAMOS esta página ao 5.º aniversário do «Boletim Social da TEBE» e a todos os seus leitores.

Colaboramos assim, pondo ao mesmo tempo à prova a sagacidade dos amáveis correspondentes de há tempo, proporcionando-lhes alguns minutos de interesse pelos problemas — simples problemas — que, temos a certeza, lhes vão interessar.

Mandem-nos as soluções que julguem ser as exactamente adequadas e no próximo número diremos mais alguma coisa, apontando ao mesmo tempo, as soluções correspondentes.

1.º Pilha de palavras

1					1 — Espaço de tempo
2					2 — Fragância
3					3 — Espécie de gramíneas
4					4 — Dar em doação
5					5 — Interrupção
6					6 — Suplicar
7					7 — Género de mamífero ruminante
8					8 — Pacóvio

Resolvido este passatempo, encontrar-se-á na coluna central, o nome de uma nação europeia.

2.º Quantos livros?

O Antoninho que é, além de estudante muito aplicado, grande amador de livros, quando junta algum dinheirito, é em livros que logo o vai gastar.

Por ocasião da última «Feira do Livro», comprou ele alguns livros ao preço de 3\$00, 4\$00 e 5\$00 cada um. Pagou ao todo 23\$00.

Gostaríamos de saber quantos livros comprou o Antoninho e quais os preços dos mesmos.

3.º O custo do milho

Um indivíduo empregou 320 escudos na compra de milho a 9\$50 e a 10\$50 o alqueire.

Pergunta-se quantos alqueires comprou de cada qualidade, sabendo-se que comprou tanto de uma como de outra?

4.º A merenda

Um certo número de indivíduos resolveram fazer uma merenda, pela qual cada um teve de pagar 12 escudos; mas 2 deles não pagaram e os companheiros para completarem o pagamento, desembolsaram mais 2\$40 cada um.

Pergunta-se: 1.º—Quantos convidados eram ao todo? 2.º—Qual foi a despesa?

5.º Quem é que sabe?

- a) — Qual é a ilha que voa?
- b) — Qual é a ilha que vê?
- c) — Qual é a ilha que tempera?
- d) — Qual é o lago que é animal?
- e) — Qual é o lago que arrecada?
- f) — Qual é o lago que tem espírito?
- g) — Qual é o cabo que fia?
- h) — Qual é o cabo onde acaba a terra?
- i) — Qual é o cabo que está rés-vés?
- j) — Qual é a península que se pega?
- k) — Qual é o mar que é de cor?
- l) — Qual é o lago que não passa fome?
- m) — Qual é o cabo que sempre espera?

6.º Caso curioso

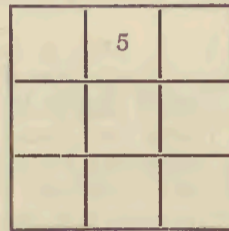
Em Lisboa e num determinado dia de 1938 nasceram dois rapazinhos, um às 23 horas e 15 minutos e outro às 23 horas e 30 minutos. Toda a gente cuidará que o primeiro a que me refiro, é mais velho que o segundo; pois embora pareça impossível dá-se exactamente o contrário. Como se poderá explicar este caso que parece inverosímil?

7.º Que horas são?

Sete oitavos do que resta do dia são precisamente iguais ao período de tempo que já decorreu. Que horas são?

8.º Quadrados mágicos

Como todos sabem um quadro mágico, é aquele em que os números das três filas horizontais, das três verticais e das duas diagonais, somam cada um o mesmo total.



Queiram, pois completar os dois diagramas acima, construindo assim 2 quadrados mágicos em que a soma de cada linha horizontal, vertical e diagonal é, em qualquer deles, 18.

9.º Quais as terras portuguesas?

- 1.º — Onde todos se atascam?
- 2.º — Que é réptil?
- 3.º — Cujas divisões foram imperfeitas?
- 4.º — Que vai toda janota?
- 5.º — Que dá entrada em todas as casas?
- 6.º — Que nunca está no mesmo lugar?
- 7.º — Que metade voa e metade nada?
- 8.º — Que está sempre fazendo uma operação aritmética?
- 9.º — Que é tecido rico?
- 10.º — Que é formada de restos de coisas passadas.
- 11.º — Que é carrasco?
- 12.º — Que é rapazinho?
- 13.º — Que acredita em tudo?
- 14.º — Que é africana?

10.º Qual é o mais célebre vulcão da Europa?

11.º Qual é o mais extenso rio da Europa?

12.º Hieróglifos comprimidos

1	2
Jogo Jogo	OO 100 u 50 O
3	4
NOTA 55 A	BIS
5	6
10 Rio E	A 50 pi pi ta
7	8
50 I 1000 O O	Mulher 50 ande
9	10
nota PUB 51 K	IN 24 h.

(Continua na página 8)

Aniversários

Secção dirigida por Carlos Quinta e Costa

Fizeram anos no mês de JULHO os nossos seguintes companheiros:

DIA 1 — Maria Aurora da S. Morais, Maria Alice Sendim Rodrigues e Rosa de Jesus G. Monteiro.

DIA 2 — Maria José Santos Araújo e Maria Belmira F. da Silva.

DIA 3 — Maria de La Sallette C. Ribeiro e Joaquim de Sousa Coelho.

DIA 4 — Maria da Graça da C. Miranda, Maria Olímpia F. Lopes, Maria Manuela P. V. Dias e Maria Alice P. Costa.

DIA 5 — Teresa Gomes de Mesquita.

DIA 6 — Maria Olívia da Silva e Filomena de Jesus C. Calheiros.

DIA 7 — Maria da Glória Machado, Rosa da Silva Miranda, Olívia de Jesus R. Gonçalves e Maria Celeste G. Sousa.

DIA 9 — Maria Helena Lopes Martins, Celestino Alves da Silva e Maria do Carmo F. Vilas Boas.

DIA 10 — Manuel Barbosa Dias, José da Costa e Maria Teresa C. Amaral.

DIA 11 — Manuel Martins Vaz.

DIA 12 — Maria Isabel Gomes de Sá, Ilda Gomes Durães e Belarmina de Sousa Figueiredo.

DIA 16 — Maria Fernanda Soares da Silva.

DIA 17 — Maria Alice da Silva e Francisco Pereira de Faria.

DIA 18 — Deolinda Duarte F. Araújo.

DIA 19 — Maria da Glória das Dores Pereira.

DIA 21 — Francisca Carolina S. Soares, Carolina Felicidade C. Santos, Maria Sameiro Go-

PASSATEMPO

(Continuação da página 7)

13.º Por quem foi composta a música dos «Huguenotes» — ópera bastante célebre?

14.º Homero cantou na «Odisseia» o grande herói «Ulisses». Este teve um filho de sua esposa Penélope. Como se chamou?

15.º Onde ficava situada a antiga cidade de Tróia?

16.º Qual o grande rio, cuja embocadura se encontra junto ao Equador?

17.º Qual é a cidade mais alta do mundo?

18.º Qual é a distância entre Calais a Dover?

19.º Quando foi acabado o Canal de Suez?

20.º Quais são os três maiores rios do mundo?

mes de Lima e Maria Carmina Lima Vieira.

DIA 22 — Lucinda de Jesus da Costa e Maria do Carmo B. Rodrigues.

DIA 23 — Gracinda da Conceição D. Monteiro, José Ribadas, António Ricardo da Silva e Herculano Monteiro da Silva.

DIA 24 — Maria da Conceição da S. Dias Leite e Manuel Pereira Vale Júnior.

DIA 25 — Rodrigo Nunes dos Santos e Maria Dolores P. Vilas Boas.

DIA 27 — Maria Augusta G. da Silva, Maria Angelina F. Veloso, Maria Alice Barros Correia, Teresa da Conceição C. Lopes, Clementina Ferreira Pedras, Rosa dos Prazeres Gonçalves, Ana Clementina B. Pereira e Miguel da Silva Pereira.

DIA 28 — Maria dos Santos Rego, Maria do Céu T. Miranda, Maria Alice G. Mota e Maria Peregrina G. Durães.

DIA 29 — André Faria Arantes e Maria Angelina S. Ferreira.

DIA 30 — Manuel Fernando A. Pereira.

DIA 31 — Maria José de Miranda.

///

Fazem anos no corrente mês os nossos seguintes companheiros:

DIA 1 — Rosa Pereira Revoledo, Maria de Lourdes Pereira Alves e Maria Celestina S. Pereira.

DIA 2 — Maria Ambrosina Pereira, Adélia Domingues Carvalho e António Fernandes Lopes.

DIA 3 — Maria Alzira Pereira, António Mateus, Maria dos Prazeres M. Ricardo e Maria Fernanda Pereira P. Azevedo.

DIA 4 — Cândida de Jesus C. Amaral e Augusta Alves de Miranda.

DIA 5 — Graciete da Luz Araújo.

DIA 6 — Alzira da Conceição G. Ferreira.

DIA 7 — Maria Miranda Araújo.

DIA 8 — Maria da Conceição Fernandes e Maria Inês Caleiro.

DIA 9 — Gracinda Simões Araújo, Rosa da Conceição O. Rocha e Maria Deolinda F. Lopes.

DIA 10 — José Júlio da Silva, Emília Figueiredo Mendes, Emília da Assunção da Costa Lima e Maria de Fátima Abreu da Silva.

DIA 12 — António da Silva Miranda e Maria Emília F. Pereira.

DIA 14 — Maria Celeste Pereira.

DIA 15 — Maria de Lourdes F. Passos.

DIA 16 — Maria Emília P. Cardoso e Guilhermina da Conceição G. da Cunha.

DIA 17 — Maria Helena F. Rente.

DIA 18 — Joaquim Gomes de Sá.



Piadas com barbas? ... Talvez!

— O cirurgião, a um marinheiro com o corpo cheio de tatuagens:

— Sinto muito, meu rapaz, mas terei de te afundar três navios de guerra e uma fragata, antes de chegar ao teu apêndice.

|||||

— Que deve fazer o doente enquanto espera o médico?
— Testamento.

|||||

Novo rico

Criado — V. Ex.ª quer que lhe prepare os duches bem quentes?

Novo rico — Sim, bem quentes e com bastante açúcar.

|||||

Na leitaria:

— Não terá micróbios este leite?
— Não, senhora. O patrão é de consciência. Sempre que mistura água tem o cuidado de a ferver antes.

|||||

Jovem Pintor — O senhor que viu os meus quadros, porque não diz alguma coisa?

Crítico (rosnando) — Porque sou educado.

Entre músicos:

— Chopin encanta-me e assombra-me!
— É natural. Você assassina-o todos os dias.

|||||

No teatro em Barcelos, há muitos anos

— Viste como consegui comover o público com a cena da minha morte?

— É porque o público sabia que não morrias de verdade.

No Teatro

— Deve ser horrível, para uma cantora, saber que perdera a voz.

— Pior é quando não sabe que a perdeu...

DIA 19 — Maria dos Anjos D. P. da Silva.

DIA 20 — Helena Gomes Durães e Maria Emília S. Nogueira.

DIA 21 — Maria José Oliveira da Silva, Leopoldina Barros da C. Oliveira, Fernando da Costa Machado e Lucinda da Silva Ferreira.

DIA 22 — Ernestina Miranda Pereira e Maria de Lourdes A. Figueiredo.

DIA 23 — Manuel Gonçalves Duarte, Maria Isolete P. Miranda e Maria da Conceição P. Miranda.

DIA 24 — Maria do Carmo S. Freitas, Ildio Eurico Gomes, Mário Oliveira da Rocha, Guilher-

me Simões e Justina Rodrigues Pereira.

DIA 25 — Célia da Conceição Araújo, Ana da Conceição G. Lima, Marquesa da Silva Gonçalves, Ana Pereira Alves e Maria da Conceição Barbosa Duarte.

DIA 26 — Maria Augusta F. Barbosa.

DIA 27 — Maria Joaquina da Silva A. da Costa.

DIA 28 — Maria Deolinda F. Fernandes.

DIA 29 — Maria da Graça P. Rainha, Maria do Carmo L. Vilar, Madalena Fernandes Ribeiro e Maria da Glória V. Alves.

DIA 30 — Luciana Fache da Costa e Maria Fernanda de Carvalho Araújo.

O nosso exclusivo **ACABAMENTO FIXAFIL** não encolhe

S. MAMEDE DE INFESTA

End. Teleg. **FIL**
Apartado 12

Telefone { 171
 { 172

FIL-fiação do Leça, L.^{da}

RUA DE SANTOS DIAS — S. MAMEDE DE INFESTA
PORTUGAL

FIAÇÃO — TECIDOS — ACABAMENTOS

Especializada em Acabamentos e Tecidos de Alta Novidade

COM A MAIS MODERNA INSTALAÇÃO DO PAÍS

Branqueação — Mercerização — Tinturaria — Estamparia — Cardação — Flocagem — Polimerização

Acabamento anti-ruga e acabamento FIXAFIL

Exija **FIXAFIL** — Não encolhe

N. B. — Todos os acabamentos feitos na nossa Fábrica são marcados nas ourelas.

A. J. Moreira

RUA DE TRÁS, 116

PORTO



A CASA QUE VENDE

Motores, Polidores, Esmeriladores, Grupos-bombas, Electro-Compressores-Bobinagens



Uma casa que vende
só artigos de confiança



A ferramenta Sueca — **BAHCO** — em uso nas grandes organizações industriais, caminhos de ferro, estaleiros, etc., é hoje cotada como a melhor ferramenta do Mundo.

AGENTES EXCLUSIVOS:

VILAS & VILAS

Rua Primeiro de Dezembro, 45-2.º — Telefone 22346 — LISBOA

BENEFICÊNCIA E GRATIDÃO

Pelo Dr. Francisco Mata Mourisca

Os árabes primam excelentemente pela originalidade e filosofia das suas lendas. Aquela que vou narrar é tão primorosa como eloquente. Diz que um dia tiveram a sua reunião de gala todas as virtudes humanas. O encontro foi dum lirismo encantador. Imagine-se! Onde se hospedam todas as virtudes, como há-de faltar a ventura? Cada qual delas se apresentou à sua maneira, isto é, segundo a própria condição social. A pobreza, austera e despretensiosa; a humildade, escondida e sóbria de atavios; a alegria, refestelada em carro triunfal de flores e sorrisos; a honradez, condecorada altivamente com brazões de suprema fidalguia; e as demais, assim por estilo. Trocaram-se os cumprimentos com grande efusão de júbilo, entre aquelas velhas amigas, que há muito se conheciam. Mas um inesperado grito de surpresa explodiu, quando se encontraram, frente a frente, duas que, desde o nascimento, nunca mais se tinham visto. Todas se conheciam, excepto aquelas. Foi um delírio entre ambas! Sabeis como se chamavam essas virtudes? O nome duma era Beneficência; o da outra, Gratidão. Nunca se tinham encontrado nem reconhecido! Sic!...

Se alguém quiser ver a lenda trocada em miúdos, leia agora a descrição da realidade. Sim, a anedota é dos árabes; mas o seu conteúdo é de todos os povos. Quando é que a Gratidão reconhece a Beneficência? Para não dizer um "nunca", digo que é nas reuniões de gala, nas homenagens oficiais, fictícias, prestadas sob formas de agradecimento e sobre fundos de hipocrisia. Não gosto de ser pessimista. Mas, quando medito na sorte dos grandes homens, torno-me cruamente realista. Quereis casos clássicos? Começai por Jesus Cristo. Aquele que passou pelo mundo "fazendo o bem" recebeu, como recompensa de gratidão, três cravos e uma cruz. Quereis outro exemplar? Júlio César. A moeda recebida, em troca das vitórias com que enalteceu a Pátria, foi um punhal no coração. Olhai para a vossa esquerda ou para a vossa direita e vereis, se bem que em menor escala, a mesma ironia dos factos. O pobre que recebe a esmola e murmura do seu benfeitor, porque deu mais ao outro, agradece? O protegido que, por favor alheio, se vê encastelado no vértice do poder, sem dobrar a cabeça para os que ficaram em baixo, agradece? O potentado que singra na vida, pela colaboração dos que o servem, e vê com menos indiferença aquela máquina atirada ao "ferro velho" do que este subalterno prostrado

na miséria, agradece? O trabalhador, que recebe o salário com uma mão e causa prejuízo com a outra, agradece?

O triste facto só tem uma conclusão acertada. É seguir o conselho de Cristo na prática do bem: nunca esperar a recompensa dos homens, mas sempre de Deus. Desta arte, nem um copo de água ficará sem agradecimento. Já Séneca reconhecia a fatuidade do benefício prestado na expectativa da gratidão humana. E o filósofo, na sua mentalidade pagã, ensinava que a melhor recompensa duma boa obra é tê-la praticado. Com todo o carinho da sua alma, cuidava St.^a Catarina de Sena uma doente cancerosa, que lhe pagou com a calúnia e a difamação. A mãe da santa não queria que a filha continuasse a visitar aquela enferma indigna. Mas Catarina respondeu: "Julga a mãe que o nosso Salvador fica satisfeito quando nós deixamos de exercer as obras de misericórdia, unicamente porque não se nos corresponde com gratidão? Ao ouvir o Salvador, cravado na cruz, os improperios do povo ingrato, renunciou porventura à obra da Redenção?" Estas palavras são um tratado. E merecem bem ser meditadas.

No entanto, confessemos: custa muito oferecer uma flor e aceitar um espinho; dar um beijo e receber uma bofetada. Nem Jesus, com ser Deus, pôde escapar a esta amargura. Duma feita, curou dez leprosos, só um dos quais lhe veio depois agradecer. Magoado pela ingratidão dos nove, perguntou: "e os outros onde estão? Não foram dez os miraculados?" E só um é que agradeceu! Vedes esse homem que não entra nas Igrejas nem reza vez alguma? É um ateu professo. Para ele não há Religião nem Moralidade. Mas se faz um benefício ao próximo e recebe dele um pontapé em acção de graças, fica revoltado no mais íntimo da alma, e uma voz secreta protesta, indignada, dentro dele: não há direito! Quereis prova mais inequívoca de que a gratidão é uma parte da Lei natural impressa indelévelmente no coração de todos os mortais? Eis uma nota de tom maior, cuja melodiosa vibração é indispensável na harmonia da ordem social.

Não sei se ides ler alguma novidade. Há na Índia um passarinho, heróicamente arrojado. Quando vê um crocodilo a fazer o quilo ao sol, entra-lhe na boca e limpa-lhe os dentes, debicando os resíduos de comida que lá ficaram. Feita a operação, sai tão ileso como entrou. A ferocidade do bruto transmudou-se em carinhosa gratidão para com o inocente que lhe fez a higiene da

Feliz Aniversário

À sensibilidade poética de António Baptista,
Director literário do «BOLETIM SOCIAL
DA TEBE»

Mais um ano é decorrido
Na vida deste jornal
Mas nem por isso, afinal,
Dá mostras de encanecido.

Antes, rejuvenescido
A olhos vistos, por sinal,
Ao contrário dum mortal
Cujo declínio é sabido.

O homem, aos poucos, fenece;
Mas não se extingue o clarão
Das obras que ao mundo ofrece...

E até, para mim, é crença
Que a Fénix da tradição
Não é senão outra — a Imprensa!

Agosto de 1958.

Flor do Tojo

Aniversário Jornalístico

COMO assinante, e, portanto como leitor deste interessante «Boletim», não devia ficar indiferente, a este importante acontecimento jornalístico.

Assim, saúdo todo o corpo redactorial, bem como, e, muito principalmente, o meu illustre amigo e seu erudito Director Snr. António Baptista, a

boca! Também se conta que um soldado romano fora condenado às feras. O chacal solto para o devorar foi precisamente um leão a quem o jovem tinha curado as feridas, dois meses atrás. Ao reconhecer o seu enfermeiro, o bicho, em vez de lhe cravar os dentes, põe-lhe no peito as patas dianteiras e afaga-o amigavelmente. O rapaz foi indulgenciado e recebeu o leão como troféu! Que um animal sem razão agradeça a quem lhe faz bem, é admirável, mas compreende-se. O que se não compreende é ver um homem dotado de razão e incapaz de aprender a verdade que, desde pequenino, tantas vezes lhe ensinaram — "muito obrigado"!

Barcelos, 12 de Agosto de 1958.

PENSAMENTOS

Os limites das ciências são como os horizontes; quanto mais deles nos aproximamos, mais eles recuam.

BACON

O melhor livro de moral é a nossa própria consciência; é com ela que mais nos devemos aconselhar.

PASCAL

quem muito estimo e aprecio, pelos seus inegáveis dotes de inteligência e de esmerada educação, e, ao qual envio muito gostoso, um abraço de leal camaradagem.

Está portanto, de parabéns, o «Boletim Social da TEBE», não só por ter agora atingido o seu 5.º aniversário, como também por se tratar, duma esplêndida publicação que, no jornalismo marca sem dúvida, desde o seu início, lugar de justo e merecido relevo, pois, apresenta-se com colaboração agradável e variada, impecavelmente paginada, dando-lhe isso belo aspecto gráfico, que em nada desmerece, das publicações da grande imprensa.

Que o «Boletim Social da TEBE», viva e progrida, são muito sinceramente, os meus mais ardentes desejos.

Porto, 1958.

Alberto Leal

Problemas de Educação

(Continuação da página 35)

rificar as conclusões a que vão chegando após estudos e observações conscienciosas, numa ânsia de construir uma ciência séria e capaz de elucidar e nortear os que, por imposição do dever ou por paixão pela tarefa, têm de educar crianças preparando-as para triunfar na vida.

A criança porém não é um ser que atingiu um limite e estacionou. A criança está a evoluir constantemente no aspecto físico, fisiológico e psíquico. É um ser diferente de instante a instante porque está constantemente a descobrir e a conhecer o mundo em que vive e a descobrir-se e a conhecer-se a si própria. Vai-se tornando senhora das suas forças, das ideias e sentimentos que nela se vão ampliando.

Quando deparamos com uma criança, mal a compreendermos se desconhecemos os seus ascendentes e o meio em que vive. Os estudos biogenéticos deram ao problema da hereditariedade um valor notável. Este problema dá-nos o valor real da medida até onde vai a educação e qual o seu valor na aquisição de hábitos e conhecimentos.

Muitas possibilidades do indivíduo, aptidões e defeitos acen-tuados, embora não se tornem percebidas desde o nascimento, existem, porém, latentes e prontos a despertar quando o organismo, na sua evolução, atingir os pontos que determinam o seu aparecimento.

Se o factor hereditariedade é importantíssimo no desenvolvimento físico e na formação e estrutura moral da criança, não é menos importante o meio em que ela vive. Pode este ser o ambiente próprio onde desabrochem e se aperfeiçoem qualidades de inteligência e carácter, mas pode também este ser o campo maninho onde as virtudes estiolem e cresçam impetuosos e selvagens vícios que amesquinhem o indivíduo e o tornem um inútil na sociedade ou até um elemento perverso e perigoso.

A educação é pois a tarefa mais complexa e difícil que nos pesa sobre os ombros e nos acabrunha quando nos sentimos desnorteados ante surpresas a que não sabemos fazer frente com energia por não nos sentirmos suficientemente elucidados sobre as reacções possíveis daí derivadas. Contudo estes problemas não atemorizam muitos e muitos dos pais de hoje, que deixam os filhos, um dia inteiro, completamente sós, indiferentes à sua formação espiritual, alheios aos graves e irremediáveis transtornos do seu desenvolvimento físico, desconhecedores da sua evolução psíquica com a estabilização dum carácter são ou defeituoso.

Diziam os antigos e os seus ditames assentavam em séculos

de sabedoria e experiência que «a casa dos pais era a escola de filhos» e por isso havia o cuidado de conservar um aprumo, uma delicadeza e um respeito no ambiente do lar, capazes de profundamente arreigar nos espíritos juvenis esses belos sentimentos. Mas hoje, valha-nos Deus, como tudo se mudou; os hábitos, os sentimentos, as ideias, a própria visão do mundo que nos cerca. As crianças de hoje vivem pelas ruas, desamparadas de carinhos e de conselhos, ávidas de experimentarem a vida das pessoas crescidas. Porém o que lhes desperta interesse e o que ambicionam imitar e seguir não são as normas correctas da conduta, mas sim quanto há de impróprio para os seus organismos em formação.

Se a educação antiga pecava por exigências e imposições que reprimiam em absoluto a liberdade da criança, presa com rigor a uma escola severa e alheia à personalidade e carácter específico de cada um, a educação de hoje peca pela liberdade excessiva. Na criança vão amadurecendo as qualidades ou defeitos, herdados de pais e avós e, estes e aquelas, se vão avolumando ou deformando conforme triunfam ou são vencidos nessa luta inconsciente travada no íntimo das almas infantis, ante a indiferença da própria criança que cede à violência de instintos que desconhece. Por vezes, as crianças de hoje são um juguete entre as suas tendências e o meio em que vivem. É lamentável que alguém suponha que pode a escola substituir integralmente a educação familiar.

A escola pode apenas completar, ampliar e aproveitar a educação de casa e nunca influenciar com a mesma profundidade a alma da criança. Na escola aprendem-se as normas duma conduta irrepreensível mas, essas normas, que podem ficar decoradas e compreendidas não ficam gravadas profundamente no coração. Assim se explica que homens de saber, conhecedores das mais elementares regras da ciência moral, transgridam, a todo o instante, essas mesmas leis. Falta-lhes a força moral que os impede de cometer erros, embora, conheçam profundamente o que lhes é vedado ou lícito realizar.

O que falta às crianças de hoje e se vem reflectindo já, na sociedade, é a tal «escola da casa dos pais». Essa não foi ainda substituída nem será certamente por mais que se multipliquem os institutos de educação. É infantilidade supor que a criança se apaixonou por ideais elevados sem contemplar, a seu lado, exemplos constantes que imprimam vincos profundos no seu espírito tenro e liso, desconhecedor ainda dos prazeres do mal e dos sacrifícios do Bem.

Certamente que estes problemas não são fáceis de resolver e a

E. BRUNNER & C.^A, L.^{DA}

Rua de Aviz, 13-2.º — PORTO

Rua Duques de Bragança, 9-3.º — LISBOA

Anilinas para todas as fibras.
Produtos químicos e auxiliares para as
indústrias têxtil e de curtumes.
Ramas e Fios Grilon e Nigrila mousse.

Nobres figuras femininas

(Continuação da página 35)

A guerra acabou. No meio dos combatentes vinha uma heroína de paz! Quiseram homenageá-la, e lembraram-se de fundar uma escola de enfermagem. A sua acção tinha-se tornado tão conhecida, que todos corresponderam com grande generosidade, e em 1860 abria a escola de St. James Hospital, sendo Florence a orientadora.

Com este exemplo outras foram abrindo em Inglaterra; nos Estados Unidos rapidamente teve eco esse movimento, que depois se espalhou pelo resto da Europa.

E durante 50 anos mais, trabalhou infatigavelmente, estudou, escreveu as suas «notas sobre enfermagem», relacionada com a Rainha e ministros aproveitou-se dessas relações para impulsionar

a sua obra; organizou programas recreativos e educativos para os soldados (a quem chamava os seus filhos); e lutou também pela igualdade de direitos da mulher — numa época em que muito pouca gente pensava nisto.

Morreu com 90 anos. Simples e despreziosa em vida, simples quis continuar na morte — mandou que lhe fizessem apenas uma campa razea com uma cruz singela...

Mas para as enfermeiras do mundo inteiro continua viva! E para as mulheres do mundo inteiro permanece um dos melhores exemplos de bondade, coragem, dedicação, persistência e espírito de sacrifício, a nobre figura do «anjo branco»

FLORENCE NIGHTINGALE

S A M E T I L

O medicamento indicado para inúmeras doenças da pele. Este medicamento, criteriosamente estudado, ocupa um lugar de relevo nos medicamentos deste século. Por estas razões os médicos inteligentes sabem indicá-lo.

sociedade vive indiferente a eles, na ânsia de satisfazer as necessidades que vão crescendo com o progresso da civilização. A crise é maior quanto mais florescente em riquezas materiais é o meio porque há uma incompreensão e uma indiferença colectiva que confrange. O exemplo mais flagrante é dado pela América onde o abandono do lar tem criado legiões de delinquentes juvenis, valores dificilmente recuperáveis e injustamente atirados para casas de correcção por culpa apenas dos próprios pais.

Não podem os operários, talvez dar o conforto preciso a seus fi-

lhos, mas podem dar-lhes carinho e ambiente familiar. Andam as mães por longe dos seus lares, mas podem antes de sair deixar o seu filho lavado, vestido e pronto a aparecer com arranjo diante dos companheiros. O aprumo do vestuário, a ordem e o asseio são factores importantes para a criança sentir-se com dignidade e procurar mantê-la, com orgulho até, sem se furtar a sacrifícios, muitas vezes, para conservá-la.

O assunto que mais uma vez abordamos neste «Boletim» é inesgotável e por isso outras ocasiões haverá para o abordar.

M. L.



Dirigida por Waldemar Esteves

DESPORTO

ESCREVER sobre desporto nos dias que correm, torna-se difícil e dum certo modo fastidioso. Na generalidade, toda a gente disserta sobre este tema e é vulgar encontrar-se, mesmo em medianas culturas, autênticos «varras» no assunto. Uns chamam para este campo todas as conversas, por verdadeiro interesse, mas há-os também, que buscam-no para encobrir falta de capacidade em abordar pontos diversos.

Também há quem relacione tudo com o desporto e nesses é vulgar ouvir-se defender o nível cultural dum país, pelo seu valor desportivo. Sem dúvida que podemos reunir o desporto à cultura, mas numa maneira restrita e não genérica, como ousam vulgarmente apregoar.

O desporto universitário é uma das provas, em que por exemplo nos Estados Unidos da América, forma um conjunto com a preparação intelectual, uma simbiose de seguir, porquanto ela é bem definida na máxima já demasiado conhecida, em que teoricamente assenta pilares, a função do desporto na educação.

No nosso País, tem sido muito mal conduzida a propaganda desportiva e se nos aparecem verdadeiros desportistas, quase que se podem chamar excepções, ao panorama desportivo Nacional.

Os principais desportos, natação, remo, vela, etc. e não falando já, do sopé do verdadeiro desporto — Atletismo — são facilmente desprezados no nosso País, frize-se, com verdadeiro prejuízo da nossa formação física que genéricamente é deformada.

Diz-se atrás, que toda a gente fala de desporto. Não. Toda a gente discute Futebol. Ora num País onde se presta só atenção a um desporto, este tem, pela força de circunstâncias, de ser tendenciosamente déspota e ditador.

Aconselhar a difusão de outras modalidades, é, para a maioria das pessoas, uma afronta e mais grave ainda, inadmissível.

Como vai mal a nossa organização desportiva e Senhores... até querem uma espécie de Sindicato, para a única modalidade acarinhada em Portugal.

W. Esteves

Actividades do GIL VICENTE O Oquei em Patins no Minho

na época de 1958-1959

Pelo Padre João Pereira Linhares

PARA o número especial do «Boletim Social da TEBE», comemorativo do seu 5.º aniversário, pedem-me duas letras, sobre as actividades desportivas do Gil Vicente Futebol Clube.

Elas aí vão, de bom grado, multiplicadas por X, simples e despreziosas. Antes, porém, quero aproveitar a ocasião para felicitar o «Boletim», por mais um ano de vida, tão altamente vivida, e, bem assim os seus dedicados obreiros, pela elevação, variedade e interesse que lhe têm sabido dar, e faço votos por que continui a impor-se e a honrar a nossa terra.

E agora vamos ao assunto.

As actividades do Gil Vicente, na próxima época, têm de limitar-se, como ultimamente, ao futebol. É certo que, na margem do papel dos ofícios, próprios do Clube, se enumeram outras modalidades desportivas, como pesca, atletismo, tiro, remo, oquei em patins, etc., mas dificuldades financeiras e falta de dedicações certamente não permitirão ainda movimentá-las.

Vai começar brevemente o campeonato da 2.ª divisão. Será mais difícil que nunca, visto o primeiro classificado subir automaticamente à divisão maior e os dois últimos descerem, sem mais, à 3.ª divisão, ficando ainda os 11.º e 12.º classificados sujeitos a jogos de competência com os 3.º e 4.º classificados da divisão menor.

Apesar de tudo, entraremos na prova confiantes.

Além dos atletas que defenderam as cores gilistas na época anterior, contamos já com o concurso de Mano (que foi júnior do Futebol Clube do Porto) e de Ferreira que já o ano passado treinou no Gil, e esperamos, para os princípios de Setembro, dois jogadores da Guiné, que o malogrado técnico Cândido de Oliveira se preparava para trazer para as fileiras da Académica de Coimbra.

Escusado será dizer que, nestas aquisições, procuramos acautelar os interesses do Clube, sobretudo para o futuro, firmando contratos em condições extraordinariamente vantajosas.

Uniformizamos os vencimentos dos atletas da terra, para evitar confrontos sempre melindrosos, e não descuramos o problema social, com a atribuição dum subsídio familiar, em caso de desemprego inevitável ou de encargos de família.

(Continua na página 25)



GRUPO REPRESENTATIVO DO CLUBE DESPORTIVO DA TEBE

DUMA maneira geral, o oquei em patins desceu tecnicamente no Minho. No Vianense vemos uma equipa boa a defender e com um elemento no ataque, de grande valor individual, procura tirar todo o partido disso, resolvendo por si só, uma grande parte dos desafios, com manifesto prejuízo para o conjunto. Do FAC pouco resta, o conjunto desarticulou-se e vê-se um Andrade, a procurar por si resolver um sem número de problemas. Académico de Braga sem um guarda-redes à altura, mas com um defesa e um avançado de grande classe, procuram jogar para um conjunto, no qual os dois outros elementos não destoam. Clube Desportivo da TEBE com notória perda de conjunto, a que não são estranhos certos problemas de ordem moral, tem lugar a melhor posto na tabela e mesmo assim com um guarda-redes em que a equipa confiasse poderia ir longe.

Vitória de Barcelinhos, luta com as mesmas dificuldades do TEBE e Académico, quanto ao guarda-redes, mas temos a impressão que virá a melhorar a sua classificação. Taipas, com uns primeiros jogos irregularíssimos, está a melhorar sensivelmente, tendo feito até as principais surpresas do Campeonato. Oquei C. de Barcelos; não podemos deixar de lamentar o desinteresse em que caiu esta colectividade, que se arrasta para um posto desprimoroso para o clube introdutor da modalidade na nossa terra.

Fábrica de Malhas

TEBE

Honra a indústria nacional, mercê do alto nível dos seus esmerados artigos

Os modelos **TEBE**, quer em seda, quer em nylon, orgulham-se do corte e acabamentoo impecáveis.



ANTÓNIO FOGAÇA PICASSO...

« A LÁGRIMA » — Quinzenário Ilustrado

V ano — Barcelos, 13 de Setembro de 1896 — N.º 18

MASCERA em Barcelos o mimoso poeta António Fogaça e falecera em Coimbra, depois de se lhe abrirem as portas da mocidade por onde entrara com o seu terceiro ano jurídico, aureolado já de glória no seu suavíssimo livro: « Versos da Mocidade ».

Eu não o conheci em Barcelos, onde bastas vezes tenho vindo de longe, atraído da força magnética da amizade do Snr. Rodrigo Veloso.

Não via mesmo os seus suaves e cadenciosos versos, faiscantes de mimosas ideias, de pensamentos não vulgares; mas conheci-o de nome, e tinha lido um trecho ou outro de suas composições poéticas. E sou eu, um velho, educado em Coimbra entre gerações académicas volvidas, quem agora relembro aos que vivemos, o talentoso rapaz!

Estranha coincidência!

Acabo de percorrer o seu epitáfio; porque os seus *Versos da Mocidade* o são, na vaga, na mal distinta ideia, que sob várias formas, delicadas todas, transparece do primeiro ao último verso.

Ouçõ que fora um triste, e não o estranho. A deusa ignota a quem tanto cantara na juventude em suas orações de amor, outra não era senão a morte:

« Deparei com a Morte, e interroguei-a:
Quando é ao certo que devo acompanhar-te?
Diz-me ela sempre a caminhar na estrada:
Vai perguntar a tua namorada
quando faz conta de deixar de amar-te. »

Misterioso pressentimento era o de António Fogaça de não viver muito entre os vivos para se perpetuar na memória dos vindouros e viver na imortalidade do livro, nos éneos versos que tão bem burlara nele.

Alma terníssima, não amara nunca determinada Natércia, uma Beatriz especial, amara a morte, com quem hoje vive:

« Nesse país suavíssimo e risonho
é que eu hei-de esposar-te minha amada! »

Esposou a morte na morte, e com ela vive despeito, como em nossa lembrança e na dos que vieram depois de nós há-de sempre viver íntegro em seu espírito gentilíssimo:

« Ó sublime e Formosa e Estremecida!
quer seja enfim o meu tormento eterno,
dá-me essa vida,
dá-me essa glória,
dá-me esse inferno!... »

Lindíssima estrofe.

Ao ver seu rosto viril, em que deslisa um quid sorridente de ventura, ninguém dirá que essa ventura seria a de possuir a formosa deã dos seus devaneios ternos, a morte que se enamorara de seu espírito brilhante! Não logrou a posse mais de que material do desditoso moço; porque esse espírito, que tanto cubiçava, esse é dos Barcelenses, é de nós todos os portugueses, é da posteridade emparelhado com os primeiros.

No outono do tempo, no cair das primeiras folhas das árvores, caíra-lhe em Coimbra a última pétala da vida na primavera da existência!

Como isto faz pena!...

(Continua na página 24)

não pode contrariar a natureza

(Fragmentos de conversação, recolhidos por Christian Zervos, e publicados no volume « PICASSO » — 1930-35 — Cahiers d'Art, Paris)

PICASSO diz:

NÃO há arte abstracta. Tem de se começar sempre por alguma coisa. Depois, pode tirar-se toda a aparência da realidade; já não há perigo, porque a ideia do objecto deixou uma marca indelével. Foi ele que provocou o artista, que excitou as suas ideias, pôs em movimento as suas emoções. Ideias e emoções serão definitivamente prisioneiras da sua obra; façam o que fizerem, já não poderão fugir do quadro; tornaram-se parte integrante dele, mesmo quando já não seja possível distinguir a sua presença. Queira ou não queira, o homem é um instrumento da natureza; esta impõem-lhe o seu carácter, a sua aparência. Nos meus quadros de Pinard, como nos meus quadros de Pourville, exprimi mais ou menos a mesma visão. Mas o senhor notou como é diferente a atmosfera dos quadros feitos na Bretanha e na Normandia, pois reconheceu a luz das falésias de Dieppe. Essa luz, não a copiei, não lhe prestei atenção especial.

Fui simplesmente banhado por ela; os meus olhos tinham-na visto e o meu subconsciente registou a visão deles; a minha mão fixou as minhas sensações. **Não se pode contrariar a natureza.** Ela é mais forte do que o mais forte dos homens! Todos temos interesse em estar de bem com ela.

Podemos permiti-nos algumas liberdades — mas apenas no pormenor.

Tampouco existe arte figurativa e não figurativa. Todas as coisas nos aparecem sob a forma de figuras. Mesmo em metafísica, as ideias são expressas por figuras, e veja assim como seria

(Continua na página 24)

Soneto de Amor

Em ti, Senhora, em teu amor Sereno,
meu pensamento plácido adormece;
e todo o mal, e tudo quanto peno,
longe, nas mãos de Deus se desvanece.

Onde estou? Onde estás. Como em pequeno,
vivo no mundo sem viver... Parece
que só ao teu sorriso e ao teu aceno
meu ser rompe das névoas, amanhece!

Mas tu sabes de mim, pois não ignoras
meus passos tontos à mercê da sorte;
e sei, meu Bem, que rezas e que choras

por quem, vivendo em ti, de amor perdido,
é e não é, — como se nele a morte
e a vida se tivessem confundido.

○ homem é feliz ou infeliz por uma multidão de coisas que se não vêem, que se não dizem e que se não podem dizer.

CHAMFORT

(Inédito)

Teixeira Pinto

O aniversário do Boletim Social da TEBE

(Continuação da página 2)

O homem, nutre em si um mundo de incomparável intuição genial; mas abusa dela despersonalizando-a em perplexidades abstractas de conceitos amorfos e ódios mesquinhos. O homem não se apercebe, tantas vezes, que ao fazer sofrer os outros comete uma traição — a da injustiça — e esta, espontaneamente, levedada no cadinho do tempo, excede-se, por vezes, nos seus limites e escreve numa frase o pensamento da evolução da dor ou da afronta contida silenciosamente na alma durante anos.

E tudo isto vem a propósito do 5.º aniversário deste jornal, como a dizer ou a perguntar:

Se a vossa inquietação não é tanto a de não realizar, qual será então?

A de não deixar realizar?

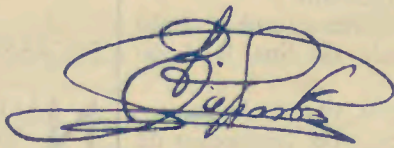
A vossa inquietação é filha de uma estruturação puramente abstracta e, por isso, não quereis ver nestas palavras a certeza do nosso abraço e da nossa imanente intimidade.

Estranhais que nem sempre nos deixemos embebedar pela fascinação de promessas, que não acreditamos?

Tendes razão neste capítulo, por vezes somos céptico com os homens e procuramos refúgio em Deus! Mal sabeis quanto sofremos às vezes com a injustiça... mas esta, em última instância, só pode encontrar carinho no infinito, pois como dizia alguém, «a vida é como um sonhar de desperto. Quanto mais inteligente e compreensivo é um homem, tanto mais sente a sublime contingência de sua vida, de seus propósitos; treme como o adormecido quando chega um momento em que dá conta de que sonha».

Assim sucedeu a tanta gente, assim certamente, nos sucedeu a nós.

Porém ainda não perdemos a esperança de levar mais longe e erguer mais alto a nossa mensagem: a da justiça e do respeito entre os homens nossos irmãos.



Piscina e Praia Fluviaes

Por Mascarenha Sineiro

PODEMOS informar os barcelenses, mormente os nossos estimados leitores que o **CLUBE DESPORTIVO DE BARCELINHOS**, mercê da tenacidade e vontade de servir dos seus directores e do precioso auxílio material da nossa Câmara Municipal e da Comissão Municipal de Turismo, já está a instalar, de novo, a piscina e praia fluviaes, que fazem de há muito parte integrante da vida de Barcelos, nesta época calmosa.

Com efeito são de todos bem conhecidos os benefícios e momentos de lazer que tais instalações proporcionam aos barcelenses e àqueles que nos visitam e por aqui, neste encantador e hospitaleiro rincão minhoto, ficam alguns dias, refrescando-nos nas tardes quentes de verão e permitindo-nos gozar os prazeres dos desportos náuticos num lugar deveras aprazível e pitoresco, nas densas e frondosas margens do coleante Rio Cávado.

Está, pois, de parabéns o **CLUBE D. DE BARCELINHOS**, especialmente o seu prestigioso e dinâmico Presidente da Direcção, o Ex.^{mo} Sr. Dr. José Machado, pelos esforços por todos envidados e coroados de pleno êxito, no sentido da reinstalação da praia e piscina, que não são somente da Colectividade, mas de toda a cidade e população de Barcelos, pois têm contribuído grandemente para o desenvolvimento do turismo da nossa encantadora e afável cidade.

Temos, assim, que render as nossas sinceras homenagens à Câmara Municipal, à Comissão Municipal de Turismo e à Direcção do Clube Ribeirinho

pelo bem estar que nos vão, uma vez mais, conceder, mormente aqueles a quem as posses materiais não permitem a deslocação para as praias da nossa orla marítima.

Contudo, e apesar de todas as canseiras e trabalhos, sabemos que a agremiação barcelinense continua a lutar com inúmeras dificuldades financeiras,



UMA VISTA DA PISCINA E PRAIA FLUVIAES NO RIO CÁVADO

pelo que mais uma vez deixamos o assunto ao bom e são critério dos barcelenses, principalmente dos seus industriais, comerciantes e proprietários, pois todos, dentro das suas possibilidades, têm o dever de auxiliar as organizações de carácter regional e que visam a engrandecer e propagandear a nossa linda terra.

Auxiliemos e unemo-nos, com a melhor boa vontade e espírito de cooperação, tão do hábito dos barcelenses, àqueles que trabalham para o progresso de Barcelos.

Da força à injustiça não dista mais que um passo — DE THEIS

Talvez não saiba:

a) que a morte de Severa inspirou os fadistas portugueses, que lhe teceram inúmeras quadras:

Chorai fadistas, chorai,
Que uma fadista morreu.
Hoje mesmo fez um ano
Que a Severa faleceu.

O conde de Vimioso
Um duro golpe sofreu,
Quando lhe foram dizer
Que a Severa faleceu.

VARIANTE

O conde de Vimioso
Terrível golpe sofreu,
Quando lhe foram dizer:
«A Severa já morreu».

b) que Ruskin escreveu este singelo pensamento, que engloba um mundo de introspecção:

«Somos homens na proporção em que somos sensíveis».

c) que quem escreveu «A terra onde um homem vive» foi Amândio César.

d) que a Igreja de Vilar de Frades tem uma porta românica cheia de interesse artístico.

e) que a janela do Capítulo é uma jóia da arquitectura manuelina.

f) que o túmulo de D. Dinis se encontra na Igreja de Odivelas — Lisboa.

g) que no museu de Lamego está uma maravilhosa imagem de Nossa Senhora do Ó.

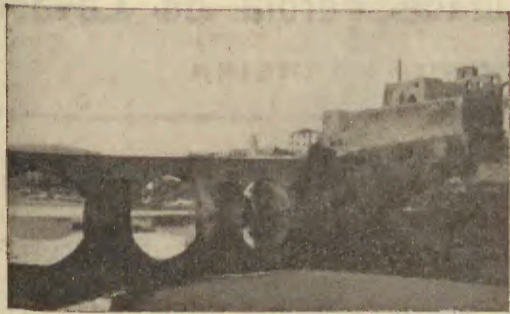
O Slogan do mês

As malhas **TEBE** continuam no apogeu... porque além de perfeitas, cómodas, elegantes e de grande duração são confeccionadas em Portugal e vestem a Nação.

Um produto que honra a indústria nacional.

BARCELOS — Dizem os alfarrábios

Oitavo conde de Barcelos foi o condestável D. Nuno Alvares Pereira, que cedeu o condado, como dote de casamento, a seu genro D. Afonso, primeiro Duque de Bragança, que se conserva ainda na dinastia reinante. O condado de Barcelos foi elevado a ducado por D. Sebastião, em 4 de Agosto de 1562, ficando a pertencer aos primogénitos dos duques de Bragança.



BARCELOS — Ponte sobre o Cávado

Desde o princípio da actual dinastia que estão anexos à Casa Real os títulos de duque de Bragança e conde e duque de Barcelos. No antigo regime esta vila tinha assento em brancos no décimo quarto banco. O seu brasão tem sido controvertido. Vilhena Barbosa, no seu livro «As cidades e villas», etc., diz que lhe foi dado por D. Afonso, primeiro duque de Bragança, e que, conforme se acha na *Torre de Tombo*, consiste num escudo azul com uma ponte e uma árvore com pomos de ouro, por cima dois castelos de prata, e sobre estes três escudos, nos dois dos lados as quinas de Portugal, e no do meio uma aspa vermelha em campo de prata, que era a divisa de D. Afonso.

Pinto Leal, no seu «Portugal Antigo e Moderno», descreve o seguinte brazão:

Em um escudo uma ponte com um carvalho no meio e de um do concelho uma torre e do outro uma ermida e por cima, em facha, três escudos pequenos, tendo os dos lados as quinas e o do meio uma aspa.



BARCELOS — Panorama de Barcelinhos

Como se vê é apenas uma variante, mas que tem a autorizá-la a circunstância destas armas estarem assim na casa da câmara e porque, efectivamente, em uma das extremidades da ponte, a do N, que é do lado da vila, existe um castelo com uma torre, que foi os paços dos duques de Bragança; e na outra extre-

midade, a do S, do lado de Barcelinhos (V. este nome), está a capela de Nossa Senhora da Ponte. A vila de Barcelos é cercada de muros e tinha duas torres muito altas, tudo obra do referido primeiro duque de Bragança, D. Afonso. Foi director destas fortificações Tristão Gomes Pinheiro, comendador de S. Pedro da Veiga de Lilla, alcaide-mór de Barcelos, o qual fez uma casa ao pé das do duque, em duas magníficas Torres, que é o Solar dos Pinheiros (V. este nome).

As muralhas, que se fizeram entre os anos de 1446 e 1471, tinham quatro portas, a da Torre da Ponte, Porta Nova, do Valle, e da Fonte de Baixo; e três postigos, o da Feira, o das Vingadeiras e o dos Pelames. O primeiro postigo deitava para o arrabalde de cima de Villa, actual Campo da Feira, e era no lanço de muralhas que por este lado cercavam a vila sendo defendidas por uma alta torre. A povoação no seu crescimento rompeu as muralhas e estendeu-se pelo Campo da Feira. Desapareceu a muralha e o postigo, mas ficou a torre, coroada de armas e com janelas ogivais, servindo de freiras. No fim do campo está o convento de freiras



BARCELOS — Jardim das Barrocas

beneditinas, o templo do Senhor da Cruz, o convento de S. Francisco e a igreja dos terceiros. Estes dois edifícios estão separados pela frondosa mata, que foi cerca do convento e pertence agora à Misericórdia. A igreja Matriz da Vila de Barcelos, Santa Maria Maior ou Nossa Senhora da Assumpção, e até em tempos antigos de Nossa Senhora das Neves, é de três naves, ficando dentro da cerca das muralhas.

Foi fundada em 1443, ultimada em 1464 por D. Fernando I, duque de Bragança.

É colegiada, confirmada pelo pontífice Paulo II. Esta colegiada tem prior, três cónegos *infeiros* e seis cónegos *tercenários*.

As rendas que desfrutavam foram, até 1834, os frutos das igrejas de Barcelos, Vila Frescaíña, Barcelinhos, Carvalhal, Gilmonde, Vila Seca, Milhazes, Faria, Vilar de Figos e Courel, todas no termo da vila, e cujos vigários eram apresentados pelo prior da colegiada, menos o de Vila Seca, que a casa de Bragança apresentava.

Elementos colegidos do Vol. II — BC, do «Portugal» Dic, Hist., Biog., Bibli., etc., de Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues.

Realizam-se em Braga as comemorações do XXV aniversário da promulgação do Estatuto do Trab. Nacional

Os Grémios do Comércio, Indústria e Agricultura, os Sindicatos Nacionais e as secções sindicais e as Casas do Povo de todo o Distrito de Braga promovem, no próximo dia 23 de Setembro, a comemoração do XXV aniversário da promulgação do Estatuto do Trabalho Nacional.

Os organismos corporativos pretendem, assim, assinalar com o justo relevo uma data verdadeiramente nacional e exaltar o significado e alcance do notável diploma que veio definir a política social e do trabalho e frutificar numa série de medidas legislativas com grandes reflexos nas relações dos grupos profissionais.

A cidade de Braga tem excepcionais responsabilidades, a que vai saber corresponder por acção dos organismos corporativos empenhados e decididos a festejar as bodas de prata da «carta magna» do trabalho português com a dignidade e a solenidade indispensáveis.

Para o efeito realizou-se, ante-ontem, na Delegação do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência, uma importante reunião, a que presidiu o delegado, Snr. Dr. Valentim de Almeida e Sousa, e a que assistiram o Snr. Dr. Nuno de Bettencourt, subdelegado do mesmo Instituto, e muitas dezenas de dirigentes dos organismos citados.

O delegado do I. N. T. P. agradeceu a presença de tão elevado número de dirigentes e teceu largas considerações sobre a iniciativa dos organismos corporativos de festejarem o XXV aniversário da promulgação do Estatuto do Trabalho Nacional ao nível nacional.

Entre aquele magistrado e os dirigentes estabeleceu-se vivo diálogo e muitos dos dirigentes presentes deram sugestões para a fixação do programa das comemorações.

Foi constituída uma comissão executiva de que fazem parte os Snrs. Adolfo Santos da Cunha, presidente do Grémio do Comércio de Braga e procurador à Câmara Corporativa, Zacarias Peixoto, presidente do Grémio dos Industriais de Metalurgia e Metal-Mecânicos do distrito de Braga, Dr. José António Rodrigues de Faria e capitão Sebastião Pereira Dias, pelo Grémio da Lavoura de Braga, Dr. Faria Gonçalves, presidente do Sindicato Nacional dos Contabilistas, Adriano Fernandes Costeira, presidente do Sindicato Nacional dos Operários da Indústria Têxtil, António Augusto da Silva, presidente do Sindicato Nacional dos Caixeiros, João Gomes Veiga, presidente da Casa do Povo de Mire de Tibães, Eng. José de Oliveira Pinto, presidente da Assembleia Geral da Casa do Povo de Ronfe, Prof. Manuel Cardoso, presidente da Assembleia Geral da Casa do Povo de Travassós e procurador à Câmara Corporativa, Padre Francisco de Freitas Carneiro, presidente da Comissão Administrativa da Casa do Povo de Fervença, Aarão Pereira Pinto de Azevedo, presidente da Casa do Povo de Barcelinhos e António Máximo Sá Costa Reis, presidente da Casa do Povo de Lousado.

O programa geral das comemorações, a que devem assistir mais de mil trabalhadores de todo o País, será tornado público dentro de dias.

Braga, 23 de Agosto de 1957

As malhas TEBE

caminham por todas as ruas de Portugal

Não receiam confrontos...

Os Nylons TEBE ultrapassam todas as fronteiras. Não receiam confrontos.

Passeios pelo Minho

O Minho é incontestavelmente uma das regiões do Portugal continental que mais interesse tem para uma digressão ou para uma cura de repouso. Dotou-a a natureza com aspectos magníficos e com um clima agradável. Assim, nesta estação, através de

que de Bragança e 3.º Duque de Barcelos, ascendeu ao trono em 1640, depois do seu alto e leal acto de audácia e patriotismo. E por decreto de 31 de Agosto de 1928, foi levada à categoria de cidade.

Um facto que também não deve passar despercebido é o Milagre



Vista da Ponte de Barcelos e Paço Ducal (Séc. XVIII)

estradas que empolgam os sentidos de quem as percorre e cheias de sombras acolhedoras, aconselho um passeio até à cidade de Barcelos, que indubitavelmente é uma das terras mais bonitas e engraçadas do Norte do País. É servida por boas estradas, tanto dos lados do Porto, Braga ou Viana do Castelo. Dispõe duma excelente Estação de Caminho de Ferro e rápidos comboios ligam-na do Norte a Sul do País.

A cidade de Barcelos, banhada pelo rio Cávado, que caprichoso deslisa num ambiente de mimoso bucolismo, e na posse de todas as características da província a que pertence e na situação privilegiada que usufrui, pode colocar-se num dos primeiros planos das localidades que mais importa conhecer no Alto-Minho. Sem sairmos do concelho, há os belos pontos de vista do alto do Tamel e de Abade do Neiva; mas, superior a tudo quanto a nossa imaginação concebe, é o Monte da Franqueira, que dista aproximadamente seis quilómetros e meio da cidade, cuja reputação anda para lá das fronteiras.

Barcelos data dos tempos pré-romanos, latinizando-se sob a influência da imperial *Bracara-Augusta*. No foral de 1140-1146, recebeu o seu pergaminho mais antigo. No ano de 1298, na raça dos ilustres Menezes, foi o primeiro Condado vitalício português. Comparticipou com homens para a batalha de Alcácer Quibir e o seu Donatário D. João, 8.º Du-

das Cruzes em 1504. Todos os anos, nos dias 3 e 4 de Maio, para recordarem esse milagre, realizam-se as festas da cidade, prestando culto ao Bom Jesus da Cruz. É um espectáculo interessante, onde todos os costumes, folclore e etnografia se patenteiam aos olhos dos visitantes, juntamente com o repenir dos sinos nas Igrejas, os concertos musicais, os foguetes a estoirarem no ar, os galteiros, os cabeçudos, os gigantones, etc. O rio Cávado, que vaidoso corre entre os campos e veigas, nesses dias festivos, apresenta-se à noite com as margens iluminadas com mais de mil lumes vivos, de efeito inigualável e recebe os balões aerostatos e os fogos aquáticos e do ar, que de mansinho vêm morrer nas suas doces águas. Os grupos folclóricos exibem as suas canções, danças e trajes, em palcos para esse fim montados.

A cidade vista de longe, particularmente vindo dos lados de Braga, antes de entrar na antiga ponte romana sobre o Cávado, que data de 1328, sendo reconstruída no séc. XVI e modificada em 1881, surge como uma mancha clara sob diáfana atmosfera e o azul clarinho do céu nortenho, tendo como fundo o escurecido velutíneo dos montes ao longe e os alacres verdejos dos campos e do glauco rio. Esta sugestiva impressão não se desmerece, entrando da cidade, porque o imprevisto continua à maneira que se vai seguindo.

O Cávado deslisa tão mansamente, que lembra plácido lago e nos desperta o desejo de vogar num dos botes que nele repousam, escutando a sua branda melopeia... E ao declinar da tarde, com o rio a correr aos nossos pés, sentados na Esplanada do Turismo, quando as flores do jardim esmaecem e o vasto horizonte se esmalta de tonalidades oiro, rosa, violeta, cinza, num poente sinfó-

cartaz original de tudo quanto o povo minhoto produz e vende, salientando-se a olaria que apresenta nos mercados exemplares hidrocerames verdadeiramente típicos. Estas, têm lugar no Campo da República, que é um dos maiores e mais belos largos do Norte do País.

Para ponto de partida, a fim do visitante ficar a conhecer perfeitamente Barcelos, sugere-se a

BARCELOS — Cidade Pérola do Cávado

POR SIDÓNIO FERREIRA

nico que morre ao tempo e que nos enleia, vem-nos à lembrança, nesse ambiente de magia e sonho, o interessante verso de Sá Carneiro: — «A cor já não é cor, é som e aroma».

Todos os rios portugueses têm a sua beleza, o seu encanto especial, que cativa quem os admira. Mas, sem dúvida, quando nos quedamos defronte desse, sentimos a sensação de que nos desprendemos das coisas terrestres e que mudamos para algum lugar do paraíso. O sublime e eterno do espectáculo das águas que correm para o mar, as suas pequenas e franjadas ondas murmurando serenos cânticos de amor, as azenhas e os moinhos, transformando o milho em alva farinha, enfim, o fluido misterioso que se desprende das águas e nos arrebatava, torna a gente bem disposta, fazendo esquecer por completo todos os sabores e contrariedades da vida.

São muito engraçadas as freguesias pouco distantes da cida-

Avenida Dr. Oliveira Salazar — sorridente aspecto da cidade em modernização. E assim, temos o Templo do Bom Jesus da Cruz, construído nos fins do século XVII e concluído em 1705; o Recolhimento e Asilo do Menino Deus, logo à entrada da cidade, na estrada que segue para Viana do Castelo, fundado no século XVIII por uma escrava negra; a Igreja do Terço, que possui um admirável púlpito em talha e engraçados azulejos da vida de S. Bento; o Hospital e Asilo da Misericórdia, que no século XVII foi convento de frades capuchos; a Torre de Menagem ou da Porta Nova, construção do século XV, convertida em cadeia da comarca no século XVII e em 1926 foi classificada *Monumento Nacional*; o Paço dos Condes-Duques (século XV-XVI), tendo à esquerda o interessante *Pelourinho* em gótico florido: a Igreja Matriz, edificada no século XIII e transformada nos séculos XVI e XVIII; o Solar dos



Fig. 1 — O PALÁCIO dos DUQUES DE BRAGANÇA, em BARCELOS
Pintura a óleo sobre tela. Arquivo de fogos de sala, assinado: agosto, 1918.
Arquivo do Dr. Gaspar da Costa Leite.

Outra vista de Barcelos, vendo-se a capela da Senhora da Ponte

de: Arcozelo, S. João, Barcelinhos, S. Martinho e Manhente. As mulheres das aldeias, em dias festivos, usam trajes deveras característicos e sugestivos.

A vida regional tem o seu mostruário nas feiras, conjunto interessante de pequenas indústrias,

Pinheiros — propriedade particular — criado em 1448 pelo Dr. Pedro Esteves, Ouvidor da Casa de Bragança; a Casa do Condestável (século XIV) — também propriedade particular — que foi a «Casa Nobre» de D. Nuno

(Continua na página 22)

Fábrica de Malhas TEBE



Preferir produtos **TEBE** é preferir produtos nacionais e, preferindo-os, ajuda a construir um Portugal maior

ARTESANATO DE BARCELOS

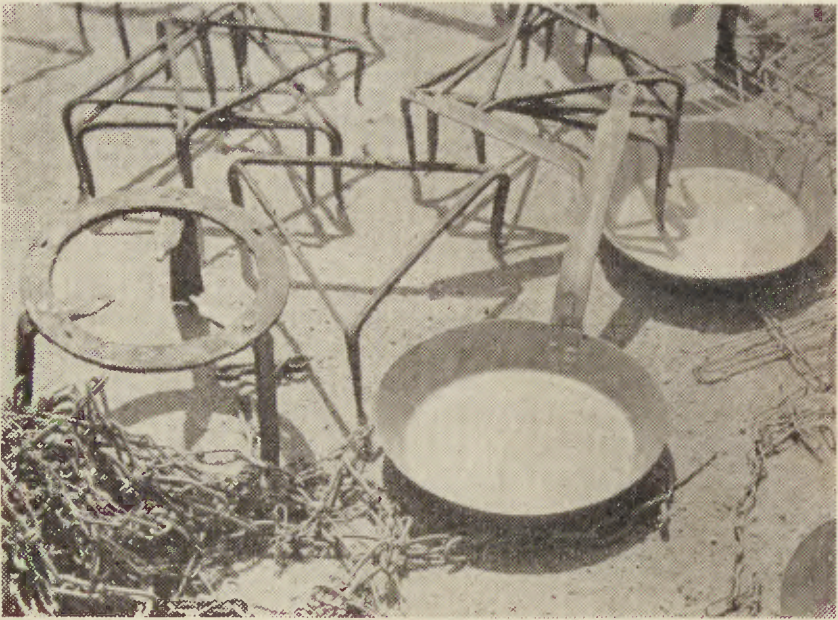
(FOTOS DE MANUEL JÚLIO L. TORRES)



Estes jugos, tão característicos, que servem, tantas vezes de bengaleiro, são transaccionados nas feiras de Barcelos



As rosas de pão, beijadas pelo sol e pelo pó, fazem parte das romarias do Minho, não podendo faltar nas feiras e festas



Serfãs e trempes, numa sinfonia de simplicidade, aguardam o primeiro comprador



Os barros de Barcelos, conhecidos em toda a parte, constituem o *cartaz* mais significativo da indústria regional



Cestos feitos nos momentos livres do labor agrícola são vendidos na feira de Barcelos



Alfaias agrícolas

HOMENAGEM AO ENG. MÁRIO BORGES, PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUENSE, PELOS EXPOSITORES QUE PARTICIPARAM NA EXPOSIÇÃO TÊXTIL INTERNACIONAL

POR iniciativa dos directores da **TEBE**, coadjuvados pelos expositores da Exposição Têxtil Internacional, realizou-se, no passado dia 17 de Agosto, no Palácio dos Desportos, um grandioso banquete em homenagem ao Snr. Engenheiro Mário Borges, incansável trabalhador em prol do desenvolvimento e progresso da Indústria Nacional.

O grandioso certame que esteve patente ao público durante vinte e três dias é o índice justificativo do progresso e da técnica nacionais. Esta exposição, além de mostrar o alto nível da indústria têxtil internacional, põe em evidência o valor da nossa indústria têxtil mostrando as grandes possibilidades da técnica portuguesa.

Ao banquete, requintadamente servido, que se realizou num alto ambiente de sã e justificável boa compreensão, usaram da palavra os seguintes senhores:

António Pinto Malhado, que se referiu à gente do Porto e às suas possibilidades de trabalho, saudando o Snr. Eng. Mário Borges. Seguidamente falou **Luís de Oliveira Barros** que, em nome dos expositores estrangeiros, descreveu as altas finalidades da exposição que veio vitalizar vontades adormecidas. Mais adiante concluiu felicitando o Snr. Eng. Mário Borges por ter conseguido realizar a primeira Exposição Têxtil Internacional.

Em nome dos expositores nacionais falou o Snr. Eng. Alberto Mendonça que evocou a Exposição, afirmando: «que presentemente a indústria têxtil nacional pode competir, sem receio, com a estrangeira, tanto em qualidade como em preço».

O delegado do Governo Civil na Feira Popular, Snr. Jarmim Reis, felicitou o Presidente da Associação Industrial Portuense vaticinando larga repercussão a este certame, que tão alto ergueu o nome da indústria têxtil nacional.



Engenheiro Mário Borges

Fez votos para que iniciativas semelhantes se fomentem com o mesmo alto espírito de mostrar ao público português o valor e as possibilidades dos nossos técnicos e do nosso espírito criador.

Todos estes oradores tiveram palavras de louvor para o homenageado, Snr. Eng. Mário Borges que, por último, agradeceu o significado da homenagem afirmando que realizações desta natureza só são possíveis mercê da inteligente compreensão dos senhores industriais, pondo em destaque o patrocínio dos Engenheiros, Arquitectos e Artífices que tão denodadamente souberam cooperar na realização deste certame, que deixará no espaço e no tempo um marco das nossas reconhecidas possibilidades.

O Director deste «Boletim» leu alguns telegramas de industriais de várias terras do País que, na impossibilidade de virem, quiseram associar-se, também, a tão significativa como justa homenagem.

O homenageado, era ladeado pelos Snrs.: Jarmim Reis, Mário Campos Henriques, António Guilherme Nunes Hall, José Rebelo Antunes, António Pinto Malhado, Francisco Sousa Magalhães, Mário Brandão e Eng. Luís Delgado Santos.

O bom êxito desta homenagem deve-se, em toda a extensão, ao esforço dos Directores da TEBE, Snrs. Campos Henriques e António Guilherme Nunes Hall, que não se pouparam a esforços para que este banquete atingisse os reflexos que todos observamos.

Não será inoportuno salientar os bons officios dos empregados da TEBE, no Porto, que tão solícitos foram com a sua prestimosa colaboração, bem como todos que souberam dar o melhor do seu esforço.

«Boletim Social da TEBE» apresenta o seu cartão de felicitações ao Snr. Eng. Mário Borges que tornou possível melhor e mais inteligente conhecimentos dos produtos têxteis nacionais.

EMPRESA TÊXTIL DE BARCELOS, LIMITADA

MALHAS — PASSAMANARIAS

Telefones: 8385-8386 P. P. C. — Gerência: 8411 — BARCELOS

22933 — PORTO

22346 — LISBOA



Estes dois vendedores de artigos de ferro, vão comendo uma bucha enquanto a freguesia não vem



Na expectativa de um ajuste de preço ambas vão vivendo as suas conveniências



João Duarte Veloso

«Boletim Social da TEBE» não pode esquecer o Snr. João Duarte a quem, neste momento, apresenta sinceros e inconfundíveis votos de longa e próspera vida.

João Duarte, amigo do «Boletim», é e será sempre por nós querido e estimado.

Que Deus lhe dê muita ventura são os nossos votos mais veementes.

Os prazeres do pensamento são remédios contra as feridas do coração.

Mad. de Staël

A nossa saudação à Direcção da Tebe

Volvidos cinco anos, sempre animados do melhor espírito de servir, eis-nos hoje a prestar esta despreziosa mas sincera homenagem aos digníssimos directores da TEBE por nos terem compreendido e verificarem que, afinal, não foram infrutíferas as palavras de relevo que sempre escrevemos de quanto se pode fazer quando se sabe o que se quer fazer.

Assim, a palavra TEBE, aureolada do esforço gigantesco de um homem, que encontrou, também bons colaboradores, pode orgulhar-se de ser conhecida e respeitada em Portugal inteiro.

A TEBE é hoje uma das mais bem aparelhadas fábricas de malhas e, para isso, muito tem contribuído o espírito e o esforço infatigáveis do Snr. Campos Henriques.

A todos os sócios da TEBE os nossos melhores cumprimentos.

Alfredo Fonseca

Nesta passagem do 5.º aniversário do nosso «Boletim», devemos também evocar a figura do Ex.º Snr. Alfredo Fonseca, que sempre acarinhou e entusiasmou este jornal. Por tal motivo queremos deixar aqui expresso o muito que o estimamos.

Não nos alargamos em considerações receando ferir a sua modéstia, porém, o nosso apreço, além de ser sincero e compreensivo, é a tradução da estima que sempre teve para o «Boletim».



Mário Campos Henriques

«Boletim Social da TEBE», ao evocar o seu 5.º aniversário, saúda, de uma maneira especial, o seu director honorário, Sr. Mário Campos Henriques, que sempre compreendeu o alto valor de uma propaganda inteligente e, por isso mesmo, quando tantos atacavam às claras o «Boletim», ele estava pronto a fazer justiça. Eis porque lhe testemunhamos esta singela homenagem, fazendo votos por longa vida.

Lutar sem a certeza da vitória, é o que representa a verdadeira bravura.

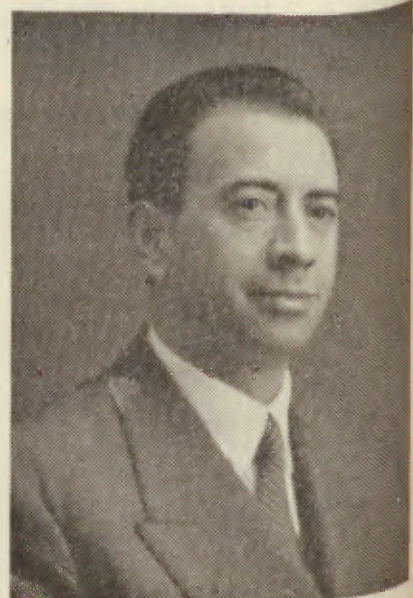
N. Kazantzaki



Luís Fernandes Pinheiro

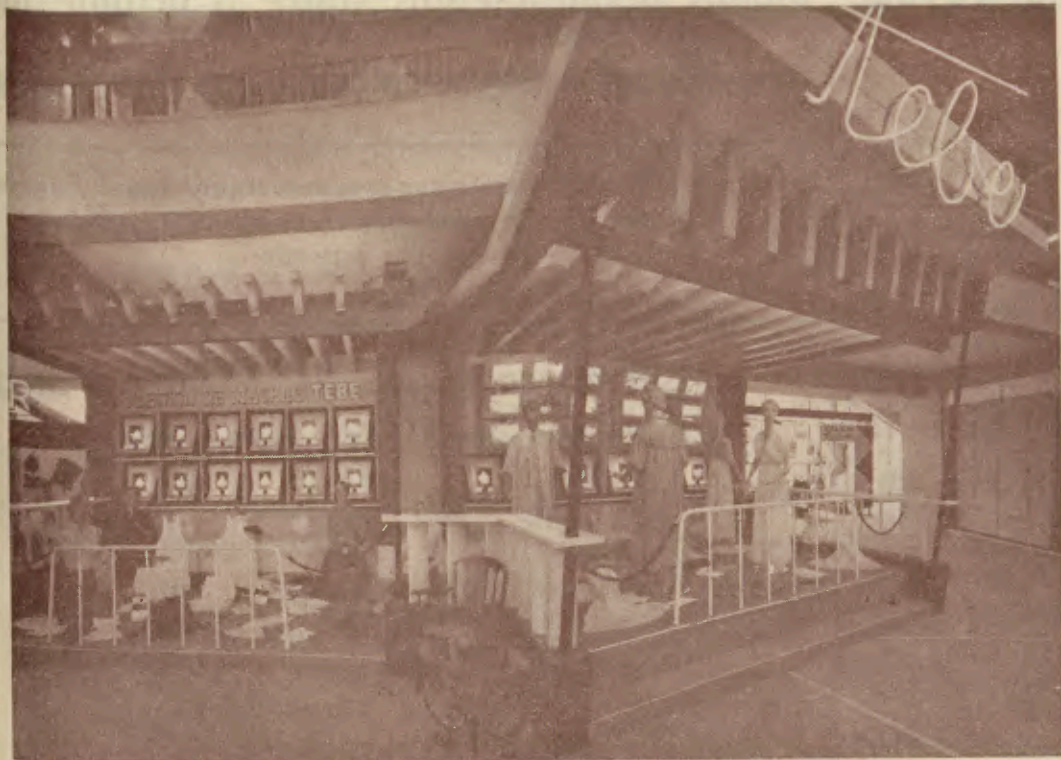


António Guilherme Nunes Hall



Francisco José Faria Torres

Ao celebrarmos mais um ano de labor é oportuno que saibamos evocar os nomes dos Snrs. António Guilherme Nunes Hall, Luís Fernandes Pinheiro e Francisco José Faria Torres por saberem compreender e acarinhar o esforço desinteressado de quem, como nós, apenas pretende levar mais longe e erguer mais alto o valor e a certeza das malhas TEBE. Para eles os nossos cumprimentos.



Esta fotografia deixa ver o nosso stand, que figurou na Exposição Têxtil Internacional, merecendo destacados e justos louvores do grande público que o visitou

A TEBE vista por dentro

Por ADRIANO FARIA

A PRESENTEMOS a tribuna de honra.

Entremos a porta principal da fábrica que nos leva ao escritório e logo verificamos de entrada um pequeno gabinete envidraçado: dentro dele uma escrevaninha em cima da qual estão um rádio, auto-gravador, amplificador de um giradiscos e dois aparelhos de telefonia P. B. X., sendo um de serviço externo e outro interno.

Sentada, olhando por tudo isto e pronta a receber as pessoas que se dirigem ao escritório está a nossa colega de trabalho, a menina D. Maria Amélia de Carvalho.

Em plena flor da idade, cabelos grisalhos e o sorriso sempre a denunciar boa disposição e modo gentil, ela nos atende agradavelmente, sinal de boa educação.

Se o destino dos nossos afazeres nos obriga a servir do telefone, prontamente somos atendidos, escutando-se logo aquela saudação de "Bom dia ou boa tarde", que lhe é peculiar, seguida do ligo imediatamente: *faça o favor de atender, tudo isto*

com uma prontidão e voz tão suave, revelando a presença de uma ágil telefonista.

Enquanto nos empenhamos no trabalho, quase constantemente os nossos ouvidos são deliciados pelo som sublime da "música de conserva" que Maria Amélia transmite para as diversas secções, nas mais belas canções ou ritmos orquestrais. Só não há discos pedidos porque não aceita e, se o fizesse, que seria da sua paciência?

Mas, para compensar esta parte, de tempos a tempos somos premiados com as mais fresquinhas composições e imitações que o Rádio transmite e que imediatamente são captados pelo gravador para deleite de todos, retirando-nos daquela nostalgia a que o próprio trabalho nos obriga, para uma maior alegria no trabalho.

E, é neste girar constante de atender, elucidar e transmitir, que a Maria Amélia labuta diàriamente para seu bem e o bem de quantos na TEBE, se tornam homens honrados pelo trabalho.

As malhas **TEBE** entram em toda a parte, no Ministério, na Universidade, na Oficina, no Campo... Elas são a mensagem do bom gosto, distinção e comodidade... Por estes atributos o mundo do bom senso sabe preferi-las... As mulheres elegantes, distintas e inteligentes não querem outras...

Fábrica de Malhas **TEBE**

Um nome ao serviço da economia nacional

Um nom au service de l'économie national

A name at the service of the national economy

Ein name im dienste der nationalen wirtschaft

Nylons TEBE... Lindos, suaves e sempre desejados pelas senhoras de gosto requintado

Nylons TEBE... jolies, souples et toujours souhaités par les Dames de goût raffiné

TEBE Nylon... lovely, soft and always desired by the good-tasted women

Nylons TEBE... huebsch, geschmeidig und stets gewünscht von Frauen mit gutem Geschmack

Nylons TEBE

Nylons TEBE

TEBE Nylons

Nylon TEBE

Inconfundíveis em toda a parte

Inconfondibles partout

Unmistakable everywhere

Unvergleichlich und ueberall

TEBE — Símbolo de alta qualidade

TEBE — symbol d'ultra qualité

TEBE — symbol of ultra-quality

TEBE — symbol der hohen qualitaet

CORRIGENDA

Na página 19, onde se lê *Malhado* deve ler-se *Machado*.

Na página 24, onde se lê *utilizado* deve ler-se *estilizado*.

BARCELOS — Cidade Pérola do Cávado

(Continuação da página 16)

Álvares Pereira—O Condestável— 7.º Conde de Barcelos em 1385; o Largo do Apoio, sugestivo cenário quinhentista e os Paços do Concelho — «Domus Municipalis» — engraçada construção do século passado. Possui ainda o Museu Arqueológico, que foi instalado no Paço dos Condes-Duques e o Museu dos Alcaides de Faria, onde se vêem excelentes objectos encontrados numa citânia que há muitíssimos anos existiu no Monte da Franqueira. No largo José Novais e na rua Infante D. Henrique, podem ver-se também várias casas quinhentistas.

*

A manhã encontra-se no fim e o espírito cansado de tanto ver, fez estimular bastante o apetite. Por isso, aconselho o turista amigo a descansar algum tempo, ao menos, enquanto almoça. Não recomendo qualquer hotel ou pensão, porque a culinária barcelense é famosa por causa dos seus típicos, gostosos e abantajados pratos.

Depois, para fazer a digestão, meta-se num carro e visite os locais curiosos do concelho. Seguindo por um ramal de estrada que nos leva a Tamel, divisa-se um panorama cheio de cor e luz. O visitante não pode deixar de ver e admirar, os seguintes monumentos: a Igreja de Abade do Neiva, que dista quatro quilómetros, na E. N. Barcelos-Viana do Castelo, construção românica do século XII, de grande valor arqueológico; a Igreja de Manhente (século XII), a seis quilómetros, na estrada que vai para Braga, mas derivando pelo ramal do Prado, com o seu pórtico românico e torre medieva; o Convento de Vilar de Frades, a oito quilómetros, nas proximidades de Barcelinhos, com o seu Templo Manuelino e um pátio interior dos séculos XVII e XVIII; o túmulo de D. António Barroso, a cinco quilómetros — Remelhe — composto duma capela-jazigo, do «Bispo Missionário» a quem o povo presta verdadeiro culto e o Castelo de Faria — num socalco do Monte da Franqueira — a seis quilómetros e meio, com os restos da torre atalaia neo-goda e sítio do histórico feito do Alcaide Nuno Gonçalves em 1373, na E. N. Barcelos-Póvoa de Varzim, virando à esquerda por um ramal de bom piso, que se encontra assinalado com uma placa com o dístico: «Franqueira».

No cimo do referido Monte da Franqueira, ergue-se a Igreja de Nossa Senhora da Franqueira. A capela-mor é dos séculos XV e XVI e a nave do século XVIII. O altar foi feito com pedras trazidas da conquista de Ceuta. É uma perfeita ampliação da primitiva ermida fundada por Egas Moniz — aio vigilante do nosso primeiro rei — no século XII. A este local fazem-se grandes peregrinações. A subida para o monte é uma ascensão de beleza difícil de descrever. O rio, a cidade, os campos verdejantes e os montes encenam uma paisagem de sonho.

E quando o sol se esvaece já no horizonte, com o espírito rico de elementos e imagens representativas, o forasteiro despede-se da pérola do Cávado, fazendo projectos de uma nova visita à cidade que acaba de deixar.

FATOS MACACO

Modelo Roy



**Manufatura Nacional
de Fechos de Correr,
Limitada**

**Rua da Palma, 268
LISBOA**

Advertência

«BOLETIM SOCIAL DA TEBE» NÃO SE OBRIGA A PUBLICAR COLABORAÇÃO NÃO SOLICITADA, EMBORA ESTA LHE MEREÇA FRANCA SIMPATIA. PUBLICARÁ SÔMENTE OS ORIGINAIS QUE SE ADAPTEM À NATUREZA DESTA PUBLICAÇÃO.

Alguns apontamentos sobre o grande músico Miguel Ângelo, nascido em Barcelinhos

Pode-se afirmar, sem exagero, ter sido Miguel Ângelo o maior músico português na segunda metade do século passado

B. V. Moreira de Sá

Eis um primoroso poema, de Guilherme Braga, dedicado ao grande compositor:

A vasta inspiração do génio soberano
Que, em face às multidões, abrasa o génio teu,
E viva como o sol, grande como o oceano,
Sublime como a luz, profunda como o céu!

Polula-te do crâneo a ideia, a forma austera,
Que s'expande depois n'uns turbilhões febris,
Como a fervente lava irrompe da cratera!
Como a espuma se arroja aos negros alcantis!

Do triste crismador dos ermos de Casteia,
Cinzelava Herculano a estátua colossal,
Drama que assombra a História, o Cântico, a Epopeia!
Mixto d'inferno e céu! foco do bem e do mal...

D'Eurico a imensa dor viste-la de perto!...
Desceste àquele abismo a profundar-lhe o horror,
E a gente ouve rugir os ventos do deserto
Na voz que deu à estatura o audaz compositor!

Uma cidade inteira, artistas, e que cidade!
Te vem poisar na fronte a c'roa triunfal!
Lê-se nos seus braços: «Trabalho e Liberdade!»
Folga, anima-te, exulta, espírito imortal!

Dás glória ao teu país! por entre os portugueses
Não podias passar desconhecido e só!
Perdoa a afronta vã que te assalta por vezes!
— Lembra, que em sombra jaz! pó que voltas ao pó!

Quem não há-de sentir orgulho de saudar-te
No ardente frenesi de esplêndida ovação,
Se tens escritos n'alma os Evangelhos d'Arte?
Se tu nasceste aqui? Se tu és nosso irmão?

Federação dos Sindicatos da Panificação

A direcção da Federação Regional do Norte dos Sindicatos Nacionais da Panificação esteve no gabinete do Snr. Dr. Valentim de Almeida e Sousa, delegado do I. N. T. P., a apresentar cumprimentos e a oferecer-lhe os seus préstimos e íntima colaboração.

O presidente da direcção, afirmou que os Sindicatos federados não concordam com a opinião de alguns industriais — felizmente muito poucos, disse —

A elegância das mulheres distintas reside, indiscutivelmente, nas cintas **TEBE**, porque são práticas, cómodas, elegantes e laváveis.

que desejam acabar com o descanso semanal aos domingos. Aqueles organismos não desejam perder uma regalia que usufruem há muitos anos.

Centenário de Lurdes

(Continuação da página 22)

E não apenas no lugar sagrado, distinguido pela aparição, mas longe, mas para além fronteiras da França, mesmo para além dos mares.

Invocar Nossa Senhora de Lurdes é ter a certeza duma graça obtida, quanta vez da ordem do humanamente impossível, miraculosa.

Nestes cem anos, quanta crença na aparição incontestável à pobre razão humana! Em cem anos não fez senão subir em todo o mundo católico o apreço da gruta.

Foi há 25 anos que o Cardeal Pacelli, Secretário de Sua Santidade Pio XI, como seu Cardeal-Legado, O foi representar nas grandes festas jubilares do 75.º aniversário.

Que júbilo, que felicidade, que honra não confessou ele! Hoje, no centenário, como gostaria de lá voltar, apesar de elevado à suprema Chefia da Crístandade! Transbordará a sua devoção filial à Divina Mãe, a Imaculada — «Je suis l'Immaculée Conception» — na reprodução, nos jardins do Vaticano, da gruta da Massabielle.

Ali desafogará Sua Santidade, como filho carinhoso, a sua ternura para com a Virgem Santíssima.

Ocorre e celebra-se, este ano, o centenário das aparições.

O mundo católico reúne-se, agita-se em movimento e excitação pacífica, no anseio de ir a Lurdes.

Só quem não pode, por penúria de recursos ou por qualquer grave razão, lá não terá ido ou não irá ainda. Mas os Franceses sabem bem que milhões de Católicos durante todo o ano, de todo o mundo, lá se despejarão.

A basílica subterrânea, há meses inaugurada, só suplantada em dimensões pela de S. Pedro, em Roma, é marco-padrão do Centenário Glorioso.

E não só os Católicos olham com respeito a encantadora cidade dos Pireneus, fruto da aparição.

As confissões dissidentes, os nossos irmãos separados, os fracionados em inúmeras seitas, os Protestantes, sentem sua posição cada dia mais abalada e, por Lurdes, se polarizam em Roma seus olhares.

Deus queira que a cegueira e o orgulho, mediante a mensagem e a evidência de Lurdes, caiam, como escamas, dos olhos e do cérebro dos Protestantes!

Retemperemos nós, os que temos a felicidade de vivermos unidos, na mesma fé e obediência ao Pastor Universal que Deus pôs, a nossa crença e tornemos nossa vida cristã mais cristalina e esplendorosa, a espalhar a Caridade fraterna, sinal divino de que somos discípulos de Cristo.

A FAMÍLIA (PINHEL E SEU CONCELHO)

Por ANTÓNIO BAPTISTA

A vida da sociedade pinhelense está concentrada ou é constituída por agregados de famílias cuja unidade reside em cada lar, onde se encontra todo um conjunto de móveis e imóveis, que formam, em verdade, o património de cada família. Como todas as famílias, a autoridade, hoje como ontem, reside no chefe da casa.

« Todo o homem está integrado numa família, e isto quer dizer que tem com outros seres humanos relações especiais por esse motivo, que se denominam precisamente relações de parentesco. Parentesco (de « parere », engendrar, procriar), significa relação a progenitores comuns e por conseguinte, relação biológica, determinada, independente da vontade do homem. » (1)

Cada fogo é um vizinho e cada vizinho mantém na sociedade um elo de amizade, que vai perdurando através das gerações como imperativo comum de cada pinhelense.

O povo de Pinhel é, naturalmente, agrícola e, portanto, cada casa comporta, salvo excepções, as lojas, as adegas e as tulhas. Por vezes, as cabras, o burro, as vacas e o porco vivem em lojas anexas. Com este sistema de vida, Pinhel, tem-se mantido da lavoura e a ela vive preso como se uma força ancestral o prendesse à terra.

Há em cada lavrador uma tendência inata para encaminhar toda a dinâmica da vida dentro do ambiente da lavoura e, assim é na terra e para a terra que cada um vive.

« O dote é a condição económica da filha família, dependência absoluta do agregado familiar, que uma vez desfeito pela morte dos pais, pode representar para ela a miséria, tornam o casamento num negócio ou num modo de vida — Desvio do fim. » (2)

Aqui, como em toda a parte, quando o casamento é feito sem a existência do amor; mas somente por um interesse económico, existe a tendência para o adultério. Felizmente que em Pinhel não há muitos casos lamentáveis a registar. A ausência de amor é o germe do desinteresse da família e, portanto, o prelúdio da desagregação familiar.

« A personalização é uma verdadeira libertação, porque o corpo está enraizado, pregado à natureza física, determinado pelo meio ambiente. Neste estado de prisão o homem ainda é indivíduo, átomo de um todo, ser do reino animal. Se esse átomo toma um sentido desligando-se da determinação do meio, e se dirige por si, livremente, para os seus fins próprios, que lhe estão destinados, torna-se uma pessoa. O que é portanto específico, natural no homem, o que lhe dá foros de humanidade, é a

possibilidade de libertar-se da determinação do meio, racionalizando a sua existência material, disciplinando os instintos, tratando-os como meios, como instrumentos para realizar certos fins. » (3)

No pinhelense nota-se uma interpenetração rápida e sistemática com outros indivíduos a fim de realizar, numa assimilação imediata, o convívio social com outros homens, originando-se, desta maneira, uma espécie de comunidade espiritual, quase semelhante a um prolongamento específico da família.

Nas horas tristes do luto, da infelicidade ou da tragédia, cada vizinho sente, instintivamente (salvo raros exemplos) a dor dos outros e sofre com eles, como se a eles estivesse ligado indissolúvelmente por actos afectivos de família. E assim é a maior parte da gente de Pinhel.

O divórcio é uma palavra que mal existe no vocabulário simples daquela gente. Existe, sim, uma lógica forte por vezes violenta, enraizada há muito tempo e que pode ser expressa desta maneira: « O amor e o sacrifício, o prazer e a dor, deixam de ser nossos e, portanto, não se poderão dar senão ao mesmo que os soube viver e suportar. » Ou ainda: « Aquilo que se dá uma vez, porque já não nos pertence, não se pode outra vez dar. »

E assim, os casamentos, fazem-se para se não desfazerem jamais. Existe uma equidade de direitos e de deveres entre o homem e a mulher.

« Numa sociedade de pessoas puras, estas linhas de força realizam uma harmonia natural. »

Porque além de tudo o que dissemos, o fim da família é a procriação dos filhos, tornando-os homens dignos e úteis à comunidade. Da família, elo sagrado no espaço e no tempo, saíram alguns pinhelenses que, quer na metrópole, quer ainda nas mais longínquas paragens do globo, souberam honrar e manter o nome do passado histórico do torrão que nunca soube trair a Pátria porque esta também foi conseguida à força do sacrifício e do sangue generoso dos seus filhos.

(1) De Família e Natureza, « Rumos » pág. 172, ano 1.º, vol. Nov.-46.

(2) « Rumos », pág. 173, vol. I, Novembro-46.

(3) « Rumos ».

Acontece com os boatos, o mesmo que com as bolas de sabão: que atravessam o ar e se dissipam.

Oginsky

O presente número, de 36 páginas, foi composto e impresso nas oficinas da Tip. « **VITÓRIA** » em Barcelos

MANUEL DE SOUSA LOPES

CASA FUNDADA EM 1927

Rua das Flores, 294-298 — PORTO

Telefones: Companhia, 23504 — Estado, 26

End. Teleg.: SEPOL

BOTÕES

MARCADOS COM

S.O.

SEMPRE BRANCOS — NÃO ARDEM

N.B.

CORES INALTERÁVEIS

António Fogaça

(Continuação na página 13)

Espírito gentil, que vives aurifulgente no mundo deles, recebe lá este tributosinho de admiração de um obscuro, e vê como és vivo nesta *Noite de núpcias*:

« Branca fada gentil de roxos seios
manda sorrindo, em divinais carinhos,
à nossa alcova um turbilhão de anseios,
ao nosso coração a flacidez dos ninhos.

Nada me ocultes com febris receios,
flutua, cansa, n'este mar de arminhos...
que os teus encantos lípidos toquei-os
com mais desejos que a famosos ninhos.

Meu coração pertence-te, minh'alma
há-de cingir-te se a tudo quanto anelas
n'uma satisfação íntima e calma.

Que o gozo inunde o conquistado leito
E abracem-me teus beijos como estrelas
que do céu me caíssem sobre o peito. »

A. F. Barata

Nota

Realizaram-se as nossas previsões. À hora a que, em plena paz de espírito, terminávamos este nosso trabalho de todos os dias, caía-nos aqui este telegrama fulminante:

« Coimbra, 27, às 11 horas da n.—H. Salgado—Redacção do Século.

Morreu o Fogaça.

Alberto d'Oliveira ».

Lacónico — como a dor que lacera o coração do nobre amigo que no-lo transmitiu — esse telegrama veio lançar-nos n'alma a consternação mais profunda.

Por hoje, o espaço e o adiantado da hora opõem-se a que consagremos umas linhas mais à memória querida do poeta morto, do amigo perdido para sempre.

Amanhã cumpriremos esse doloroso dever.

« O Século »

28 de Novembro de 1888

Lisboa.

Notas

Segundo os preciosos elementos coligidos por António Silva sobre o poeta António Fogaça é bom transcrever o que segue:

« Fui informado, por seus contemporâneos e amigos íntimos: meu Pai e meu tio Visconde da Fervença, que a primeira edição dos « Versos da Mocidade » foi financiada por os amigos ».

Fogaça (António Maria Gomes Machado) (1863-1888) — Poeta português n. em S. Martinho de Vila Frescaíña (conc. de Barcelos). Frequentava em Coimbra o 3.º ano jurídico e já a sua musa principiava a destacar-se de entre a geração de poetas seus contemporâneos, quando a morte traiçoeiramente o colheu.

Tal acontecimento provocou em Bulhão Pato estas palavras: « Brioso e gentil, a mãe adorava-o; os condiscípulos aplaudiam-no; tinha pouco mais de 20 anos; era um poeta. Morreu ontem! Não conheci dele senão algumas notas fugitivas; mas dessas notas faiscava o talento. Fantasia, colorido, graça, naturalidade e simpleza no dizer... »

Além de poesias dispersas por várias revistas, deixou um volume intitulado *Versos da Mocidade*, que foi publicado um ano antes da sua morte e reimpresso em 1903.

Henrique Perdigão

« Dicionário Universal de Literatura »

(Bio-Bibliográfico e Cronológico)

Portucalense Editora, Ld.ª

Barcelos

1 9 3 4

J. Stahl

Não é a pá nem a enxada que enterram, é o esquecimento, as pás cheias de esquecimento devem ser mais pesadas sobre os mortos do que as pás cheias de terra.

António Peig, L.ª

RUA FIRMEZA, 570 — Tel. 26362

PORTO

||

Máquinas, Matérias primas e Acessórios
para as Indústrias Têxtil e de Malha



COREOGRAFIA

Eis duas imagens significativas do bailado utilizado e que bem merece o patrocínio das entidades públicas

PICASSO...

(Continuação da página 13)

absurdo pensar na pintura sem as imagens das figuras. Uma personagem, um objecto, um círculo, são figuras, que têm uma acção mais ou menos intensa sobre nós. Umas estão mais próximas das nossas sensações, produzem emoções que tocam as nossas faculdades afectivas; outras dirigem-se mais particularmente ao intelecto. É necessário acentá-las todas, porque o meu espírito não tem menos necessidade de emoção do que os meus sentidos.

Pensa que me interessa que este quadro represente duas personagens? Estas duas personagens existiram, mas já não existem. A sua visão deu-me uma emoção inicial, pouco a pouco a sua presença real foi-se esfumando, tornaram-se para mim uma ficção e depois desapareceram, ou melhor, foram transformadas em problemas de toda a espécie. Já não são para mim duas personagens, mas formas e cores. Entendamo-nos, porém; formas e cores que resumem, contudo, a ideia das duas personagens, e conservam a vibração da sua vida.

Comporto-me com a minha pintura tal qual como perante as coisas. Faço uma janela exactamente como olho através duma janela. Se esta janela aberta não fica bem no meu quarto, corro um cortinado e fecho-a. É preciso agir tal qual como na vida, directamente.

O artista é um receptáculo de emoções vindas seja donde for: do céu, da terra, de um pedaço de papel, de uma figura que passa de uma teia de aranha.

Toda a gente quer compreender a pintura. Porque não tentam compreender o canto dos pássaros? Porque é que se gosta de uma noite, de uma flor, de tudo o que rodeia o homem, sem se tentar compreendê-lo? Mas quando se trata de pintura, querem compreender. Que sobretudo compreendam que o artista cria por necessidade: que ele é também um ínfimo elemento do mundo, ao qual não se deveria atribuir mais importância do que a tantas coisas da natureza que nos encantam, mas para que não pedimos explicação. Aqueles que procuram explicar um quadro seguem quase sempre o caminho errado. Gertrude Stein anunciou-me, todo contente, há tempos, ter compreendido por fim o que representava o seu quadro « Três músicos »: Era uma natureza morta, (Cahiers d'Art—Paris).

Santos & Teixeira, L.^{da}

AVENIDA DOS ALIADOS, 9-3.º — PORTO

TELEFONE 24239

TRANSFÈRES — Fio de borracha quadrado ou redondo, nu ou coberto a nylon, perlon, algodão e outras fibras.

Etiquetas metalizadas em alto relevo, para artigos de luxo, etc., etc.

PRODUTOS SANDOZ, L.^{DA}

Corantes e Produtos Químicos para a Indústria Têxtil, do Papel e de Curtumes

Rua do Duque de Loulé, 111 Apartado 131 PORTO

A. Correia da Silva & C.^o**LIMITADA**

Fiação fina, Tinturaria
e Acabamento de fio

Telefone 8



Estação

SANTO TIRSO**Actividades do GIL VICENTE**

(Continuação da página 12)

Aumentamos substancialmente os prémios aos jogadores, tanto nas vitórias e empates fora como nas vitórias em casa.

Sabemos que os atletas receberam bem estas resoluções da Direcção e, por tudo isso, temos confiança.

Outro problema que se procurou enfrentar foi o da Escola de jogadores de que, sem mais encargos financeiros, ficou encarregado o atleta Nolito, ainda antes de se saber que, na próxima época, é obrigatória a participação no campeonato de júniores.

Vão ser convidados todos os rapazes, dos 16 aos 18 anos, com autorização dos pais, a comparecerem no campo de jogos, a fim de se iniciarem os trabalhos.

Esperamos assim conseguir um lote de jogadores da terra, que possam assegurar a continuidade do grupo de futebol, em condições menos dispendiosas e mais baírristas.

Com a mesma intenção, pensa a Direcção do Clube lançar os olhos pelos grupos populares, na mira de descobrir matéria prima que a deve haver por essas fre-
guesias do concelho.

A situação financeira do Clube é suficientemente conhecida, para ser necessário gastar muito tempo a falar nela. Um saldo negativo de cerca de 30 contos, numa altura em que continuam as despesas e a receita se limita às cotas dos sócios fiéis, é um caso sério para qualquer Direcção.

De tudo se vai lançar mão, para a resolver: novos sócios, festivos, aumento voluntário de cotas, sorteios, etc., sem falar no recurso à ajuda das empresas fabris, que nos é indispensável, e no subsídio da Câmara e Turismo, que já nos foi garantido.

A propósito, e para não alongar mais, aqui fica o agradecimento do Gil Vicente Futebol Clube a duas figuras inconfundíveis de industriais e Homens Bons que, ainda há pouco, em Assembleia Geral, foram aclamados Sócios Beneméritos do Clube, os Ex.^{mos} Snrs. João Duarte Veloso e Mário Campos Henriques.

A senhora elegante adora as cintas TEBE porque, além de cómodas, perfeitas e resistentes, ajudam a elegância de toda a senhora distinta.

Centenário de Lurdes

Por FRANCISCO DE BABO

Racionalismo estrangalhado

FOI em 1858, a 11 de Fevereiro, que nas margens do Gave, caudal proveniente das neves pirenaicas, numa gruta natural cavada em rochedo, a pequena e rude Bernardette Soubirous teve a insólita aparição, a primeira de dezoito que iriam suceder-se.

O racionalismo imperante e grassante desnorteava-se e confundia-se; a impiedade tem de fazer esgares de Carnaval, não se aguentando em postura digna.

A Fé triunfava. A Igreja Católica era glorificada. Em plena França. No *século das luzes!* («o estúpido século dezanove» de Daudet).

Mas não podia o acontecimento ser contestado. Observadores de todas as classes, a firmeza da ingénua criança, milagres repetidos às dezenas, tudo fazia dia claro.

A França inteira vai a Lurdes. A França inteira conhece agora Lurdes, pois nem os Franceses, sempre fracos em Geografia, conheciam a pobre e pequena aldeia perdida nas dobras ínvias e inacessíveis dos Pirineus, tampão da Península Ibérica.

Mas agora a notícia corre célere pela Europa. E chega à Amé-

rica e aos lugares civilizados de qualquer parte do mundo.

E as peregrinações começam. E continuam. E crescem.

De todo o mundo se despeja gente, já não curiosa, aturdida, passeante; mas devota, peregrina, suplicante, agradecida.

Levantam-se altares nas igrejas; erguem-se igrejas e capelas e grutas nos lugares e paróquias; consagram-se paróquias e dioceses a Nossa Senhora de Lurdes.

A imagem de Nossa Senhora de Lurdes faz crescer a confiança, o amor à Mãe de Deus, à Mãe do Céu. Estampas e medalhas fazem-se aos milhares, aos milhões e voam pela Cristandade. Rara a casa em que não haja uma imagem ou estampa, já não digo uma simples medalha, de Nossa Senhora de Lurdes.

Os milagres, as curas, as graças, os favores dispensados pela Mãe de Deus, invocada sob o nome do apagado local, agora foco de luz, da sua aparição, contam-se por altos números, chegam a ser incontáveis.

(Continua na página 23)

Sociedade Portuguesa do Ar Líquido

« **ARLIQUIDO** »

S. A. R. L.

Agente exclusivo de vendas dos produtos da Société L'Air Liquide

Rua Quinta do Almagem, 4 (  Junqueira) — Tel. P. P. C. 637136-37-38 — LISBOA

Rua Justino Teixeira, 657 — Tel. 50031-32 — End. teleg : *Airliquid* — PORTO

Depositário em COIMBRA:

ANTÓNIO FERNANDES CANHÃO

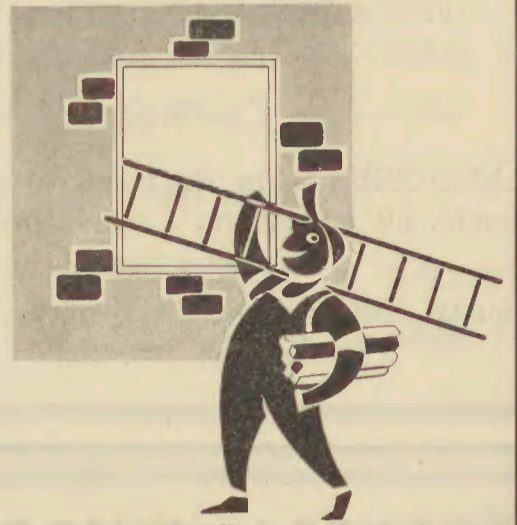
RUA JOÃO DE RU O, 27 — Telefone 5059

Oxig nio — Acetilene dissolvido — Anidrido carb nico — Ar comprimido — Azoto — Amoníaco — Hidrog nio — Protóxido de azoto — Argon — N on — Hélio.

Carboneto de Cálcio

Aparelhos para soldadura e corte Oxi-acetilênicos — Metais, soldas e seus desoxidantes — Geradores de acetilene, alta pressão — Máquinas electrónicas de soldadura — Postos est ticos e rotativos de soldadura eléctrica — Eléctrodos — Instala es de decapagem oxi-acetil nica e por jacto de areia — Aparelhagem e fios para metaliza o — Instala es de oxigenoter pia e aparelhagem de anestesia pelo protóxido de azoto.

A MAIOR ORGANIZA O PORTUGUESA DE PUBLICIDADE



BELARTE

CINEMAS
TEATROS
JORNALIS
ELECTRICOS
RUAS
CAMPOS
DESPORTIVOS

ESTÁ EM TODA A PARTE

BOUHON & IRMÃO, L.^{DA}

AVENIDA JÚLIO DINIS, 26 r/c ESQ. — LISBOA-N — Telefones 773603-778685 — 761136-761137

RUA ANTERO QUENTAL, 615 — PORTO — Telefones 40118/40119

Sec o Química: Anilinas e produtos químicos para as indústrias têxtil e curtumes

REPRESENTANTES DAS FIRMAS:

BOEHME FETTCHEMIE GMBH — DUSSELDOLF
E N. V. FABRIEK VAN CHEMISCHE PRODUCTEN

Sec o Térmica: Isolamentos térmicos, anti-fogo e acústicos. Caldeiras automáticas, material para centrais térmicas, reguladores de temperatura, redutores de pressão, válvulas de passagem, bombas, purgadores, filtros e visores.

Contadores de vapor, Registadores de pressão e temperaturas,
————— Man metros, Term metros e Pir metros —————

Instala es de climatiza o, aquecimento e humidifica o

REFRACTÁRIOS MONOLÍTICOS

Estudos gratuitos de tubagens de vapor, retorno de condensados, recupera es e montagens

FORNECEDORES DA **TEBE**

Tribunal dos Factos

Considerações sobre Jornalismo

Por ARTUR TOJAL

FALAR de jornalismo na data festiva em que este interessante «Boletim» comemora mais um aniversário, não deixa de ser tema oportuno, já-mais que tal tema oferece inextinguível assunto, tantos e tão complexos são os aspectos de que sempre se reveste.

Basta já a importante função da Imprensa no campo cultural, a sua projecção no aspecto espiritual, a nobreza da sua função educativa, informativa e orientadora da consciência dos povos, para que nos ofereça permanentemente, atenção a forma como deva ser orientada e conduzida.

Verdadeiro sacerdócio lhe chamou alguém, o sacerdócio do jornalismo, uma das alavancas mais poderosas na consciência e no progresso dos povos, seja qual for a especialidade a que essa Imprensa se consagre—e são múltiplas essas especialidades—divulgação científica, cultural, artística, desportiva, religiosa, literária, histórica, política, regionalista, eu sei lá... e até, quantas vezes, todas reunidas em complexidade e simultaneamente em acessibilidade a todos os espíritos, que isso é ainda o mais importante dos factores, o mais primordial, tendo em conta que o jornal deve ser feito para todos e não para alguns, mantendo um nível de elevação que o torne possível ser lido pelo próprio Chefe do Estado, a par duma singeleza de linguagem que torne a sua leitura assimilável ao espírito dum operário menos culto ou do trabalhador rural.

E não só a linguagem escrita mas os próprios assuntos focados devem ser escolhidos de molde a

que o jornal ao contrário de órgão de orientação e formação educativa, não se transforme em veículo de envenenamento mental e intoxicante, desorientador dessa opinião pública para quem é exclusivamente feito.

Servindo causas justas e elevadas, debatendo as ideias dos múltiplos sectores da vida nacional, sentinela atenta de desmandos e de erros, impulsionador e estimulador de princípios nobres e de virtudes ocultas, projectos de luz nas inteligências mais obscurecidas, eis uma série de princípios que se impõe à missão da Imprensa como dever primordial que a coloque à altura de manter digno o nome de sacerdócio.

Porém, será sempre assim compreendida e interpretada tal missão?

Nem sempre. Embora não sejam, felizmente, muitos os casos, a verdade é que nos surgem, de quando em vez, excepções e fugas àquela linha de conduta que a Imprensa tem por dever seguir.

Dá-me exemplo flagrante, um jornal com que casualmente deparei (Notícias de Felgueiras de 24 de Julho de 1958) e que vem muito a propósito aqui citar como demonstração cabal e insufismada de que nem tudo o que luze é ouro mas também, muitas vezes, folheta dourada.

Publica o referido periódico na sua 3.^a página uma local nestes termos concebida:

«Para que todos saibam...

A fim de evitar melindres ou mal entendidos se avisa que de oravante só publicaremos relatos de funerais ou de festas, desde que o serviço de tipografia que aos mesmos diga respeito seja efectuado nas nossas oficinas gráficas.»

A ameaça é contundente... esmagadora!

O director do periódico que na primeira página se arroga pomposamente «Ao serviço do concelho! Ao serviço da Nação!» nega na 3.^a página tão belo programa estabelecido, demonstrando que está apenas ao serviço... das suas oficinas gráficas!

O inclito mamífero que dirige a folha, não tem um jornal para fazer jornalismo mas para fazer comércio e como tal, quando lhe forem à Redacção dizer que falecera uma figura preponderante do concelho, antes de redigir a notícia necrológica não trata de indagar das virtudes ou defeitos que foram apanágio do morto; abre o seu livro de contas-correntes e vê a posição da conta daquele cliente...

O que não se diz na local transcrita, mas isso é óbvio, é que a

PENSAMENTOS

A filosofia, tal como a medicina, possui muitas drogas, muito poucos remédios bons e quase nenhuns específicos.

CHAMFORT

A sinceridade é sempre louvável, mas cumpre que seja prudente.

RECHIER

qualidade e quantidade dos adjetivos a aplicar na necrologia, serão tabelados pelo movimento maior ou menor que a conta-corrente apresente em saldo, no fecho dos respectivos balanços...

Quanto às festas do concelho, estas só serão festas, só atingem auge digno de registo, se os seus programas... forem impressos na sua oficina gráfica.

Não sei o que possam pensar os assinantes de tal periódico, que pagando anualmente uma assinatura para andarem a par do que se passa na sua terra, verifiquem que só serão noticiados os acontecimentos que dêem produto monetário às oficinas gráficas da gazeta porque se o não derem... não são dignas de tal consideração.

Mercantilismo puro que é manifesta traição aos princípios básicos duma sociedade estruturalmente espiritualista.

Mercantilismo do mais puro e cru que conheço confessadamente inspirado na doutrina do bezerro de ouro.

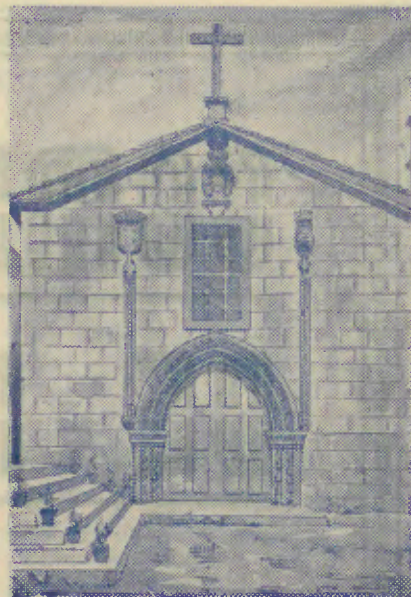
Poderá uma Imprensa baseada em tal doutrina, desempenhar cabalmente a sua sacerdotal missão de orientar e educar um povo?

Infelizmente não! E infelizmente inconfessadamente vegeta por esse País de Norte a Sul, do Minho ao Algarve, muito jornal regido por tal doutrina. Inconfessadamente, note-se, porque fazendo declaradamente, ameaçadoramente, de tal doutrina galardão e apanágio nas suas próprias colunas, só conheço o «Notícias de Felgueiras» e... chega!

Chega para nos entristecer, para manchar e cobrir de opróbrio uma profissão que devendo ser altiva e digna, se transforma em balcão comercial com o livro de contas-corrente permanentemente aberto, envenenando e vendendo, comprometendo e mercadejando, o pensamento e as consciências.

Por isso duplamente festiva é a data que comemora o «Boletim Social da TEBE — jornal de trabalhadores e para trabalhadores» porque nas suas trincheiras o combate mantém um nível de manifesta superioridade intelectual de que o nome do seu Director é garantia segura, porque vive divorciado, (felizmente...) honradamente, probremente divorciado, do negócio mercantil duma oficina gráfica que não possui.

Porto



Um aspecto da porta da igreja da Misericórdia de Pinhel

David de Sousa

229, Rua de Alexandre Herculano, 233
Caixa Postal N.º 175 - PORTO-Portugal

TELE { FONE: 23219 (P. P. C.)
GRAMA: MIMI-PORTO
CÓD. - BENTLEY - ABC TH

AGENTE DEPOSITÁRIO
(Norte Mondego) de

Compagnie Française des
Matières Colorantes
PARIS

(Anilinas e produtos auxiliares para
a indústria de Tinturaria em geral

Compagnie Française des
Extraits Tinctoriaux et Tan-
nants — **PARIS**

(Extractos vegetais e Sintéticos para
curtumes—Taninos Enológicos—He-
matines—Campeches e outros ex-
tractos tintórios

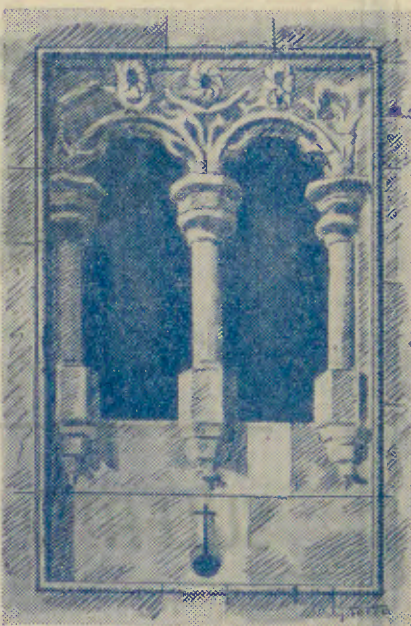
Representante de:

Établissements Kuhlmann — **PARIS**

(Resinas Sintéticas e Produtos
Químicos em geral)

SULFORICINATOS

e outros Óleos Sulfonados para
as indústrias Têxteis



Janela geminada da torre de menagem do castelo de Pinhel



O pastor de Pinhel

COMPANHIA INDUSTRIAL DE FIBRAS ARTIFICIAIS

S. A. R. L.

Fábrica: SOBRADO — VALONGO

Telefone Sobrado, 2

Sede: RUA DE CEUTA, 43

Telefone 28167 P. P. C. (3 linhas)

Produtor das marcas registadas:



FIOS DE RAIONE VISCOSE BRILHANTE E MATE PARA TECELAGEM, MALHAS, MELAS, ETC. EM QUALQUER APRESENTAÇÃO.



FIBRAS ARTIFICIAIS CORTADAS, BRILHANTES E MATES PARA TODOS OS FINS.

CIFA
CORD

FIOS DE RAIONE, MULTIFILAMENTOS, DE ALTA TENACIDADE E RESISTÊNCIA, PARA APLICAÇÕES TÉCNICAS, NOMEADAMENTE PARA — A FABRICAÇÃO DE LONAS PARA PNEUMÁTICOS E OUTROS —



FIOS DE RAIONE VISCOSE TINTOS NA MASSA COM ABSOLUTA SOLIDEZ DAS CORES.



PELÍCULA CELULÓSICA TRANSPARENTE, EM VÁRIAS ESPESURAS, ROLOS E FOLHAS.

SULFATO DE SÓDIO — ANIDRO E CRISTALIZADO

Orgânica, Anilinas e Produtos Químicos, S. A. R. L.

Sede - PORTO
Rua Santa Catarina, 753
Tel. 29641/2/3



Filial - LISBOA
Rua José Estêvão-83-E 2.º Dt.º
Tel. 731117/8/9

Importadores-Distribuidores exclusivos

DA

**Badische Anilin & Soda-Fabrik
Ludwigshafen A. Rhein**

Oferece,

Para todos os fins industriais:

**Anilinas e Produtos Auxiliares
Drogas e Produtos Químicos
Matérias Plásticas Artificiais
Resinas Sintéticas, etc.**

Para fins agrícolas:

ADUBOS — Nitrophoska, Nitrato de Cal BASF,
Azocal, Sulfonitrato de Amónio BASF e Ureia BASF.

Fungicidas, Insecticidas, Herbicidas e Diversos

O «Nacional Palácio», ou um velho café do Porto

ENTRE os «cafés» que, há muito perto de trinta anos, enchiam de alacridade e de vida o velho burgo da Virgem, moreno e triste, o «Nacional Palácio» foi um dos mais interessantes, distintos e rumorosos. Abria as suas portas para a Avenida dos Aliados, mesmo de frente do *square* florente, onde entre quincôncios policromizados, sorriam na brancura láctea do mármore, as graças quase carnis de uma Vénus desnuda. Pertinho, a dois passos apenas do «café», ficava a velha *Praça Nova*, que Junheiro denominára de *poço* e António Nobre apelidára de *sepulcro*. Desse recanto da urbe, chegavam até ao «Nacional Palácio», levados pela aragem, os doces perfumes das tílias que a circundavam, árvores de larga sombra, que a luz forte do sol pulverizava de oiro velho. No meio da Praça, então como hoje quase deserta, o Snr. D. Pedro IV, na imperturbabilidade oxidada da sua estátua, furava o ar, na serena *pose* de quem está cónscio de ter na mão um papel valioso.

Era ainda interessante, por esse tempo já longínquo, o aspecto dessa velha artéria portuense, de que Alberto Pimentel traçara, com talento, admirável monografia. Em volta do monumento ao Dador, alinhavam-se, ainda, os primeiros automóveis de aluguer, alguns deles taxímetros, nos primórdios da era das velocidades. Já não havia, é certo, a *Fonte da Arca*; o *Restaurante Europa*; o estabelecimento de floricultura de Aurélio Paz dos Reis; o *Camanho*, botequim de tão prestigiosas tradições artísticas e literárias. Mas existia o *Passeio das Cardosas* fervilhante de movimento; o *Suiço* transformado já de velho café, soturno e pobre, em botequim airoso e desafogado.

O «Nacional Palácio», com o seu aspecto de aquário humano, pois a sua fachada era toda constituída por amplas portas e escarpates de cristal, foi incontestá-

velmente um dos mais confortáveis, dos mais aristocratas, dos mais formosos «Cafés», do Porto.

De frequência escolhida, *smart*, foi o quartel-general da mocidade monárquica e nacionalista de há muito perto de seis lustros. Em redor de uma das suas mesas, fazia-se ardente proselitismo político, discutiam-se os mais transcendentes problemas de ordem filosófica, literária e artística. Dessa *tertúlia* animada, fazíamos parte, eu e meu Irmão António, então em plena mocidade física e mental. Talvez fossemos, dentre todos os que a compunham, dos

tertúlia, onde à juventude pontificava, D. José Ferrão de Tavares e Távora, Simeão Pinto de Mesquita, Mário Cardia, José Augusto Vaz Pinto, figuras de destaque, no *Integralismo Lusitano*.

À nossa mesa sentaram-se, algumas vezes, — suprema honra essa! — Luís de Almeida Braga, Alberto de Monsaraz, Hipólito Raposo, Rolão Preto, Visconde de Vila Moura, Joaquim Costa, Francisco Lage, Domingos Guimarães, Conde de Aurora, Vasco Valente, grandes e prestigiosos nomes do intelectualismo lusíada.

Por Cláudio Corrêa d'Oliveira Guimarães

mais aguerridos e iconoclastas, mas a verdade é que não estávamos sós. Cercava-nos uma luzida falange de conscientes e bravos *revolucionários da Tradição*, para nos servirmos de uma denominação do grande Poeta Afonso Lopes Vieira, denominação que bem nos cabia, a todos nós.

Dentre esses rapazes — e que rapazes! — recordo com saudade, os nomes queridos de Eugénio de Belonor, Fernando da Cunha Leão, António Fortunato Cabral, António Alberto dos Santos, Manuel Magalhães Teixeira, José Eduardo Correia de Barros, Alberto Pinto de Melo, Carlos Ribeiro, Adalberto Sampaio, Manuel Martins da Rocha, Calixto Amarante Pinto da Silva, David da Silva Moreira, José Francisco da Silva Júnior, Alberto de Oliveira Carvalho (Fraião), Luís Moreira de Sá e Costa, Miguel de Sá e Melo Moreira, Horácio de Castro Guimarães, Eduardo Lopes Vieira, Morais Soares, Herculano Rebordão, José Pinto Amorim da Costa, Eduardo da Cunha Seixas Navarro de Castro, Manuel da Costa Pinto Barreto, António Caetano Moutinho, entre tantos outros.

Também participaram dessa

Referindo-se, algures, ao «Nacional Palácio», escrevia, com ironia é claro, um pouco de evidente má-língua, mas com certa verdade, um jornalista republicano: «*Jeunesse doré*, cigarros *bout-doré*, ideias Leon Daudet, ali se dá *rendez-vous* a falange nacionalista.» E acrescentava: «O café é uma espécie de Paris galante, visto por um óculo em barraca de feira. Acontece, por vezes, que as *vistas* se vêem ao contrário. É mesmo uma pena! *Paris, je t'aime!*»

O velho botequim portuense de que vos venho falando, simpáticos e amáveis leitores, foi em dado momento da vida política portuguesa, o alvo directo das iras e apóstrofes democráticas das democráticas gentes do burgo. Era nele que se reuniam, em larguíssimo número, os filiados do «Nacional-Sindicalismo», movimento ideológico de acentuadas tendências sociais que no Porto teve enorme repercussão e milhares de bravos e fervorosos adeptos. Para ver os *camisas-azuis*, acorria todas as noites, às cercanias do botequim, na Avenida dos Aliados, uma verdadeira multidão de curiosos e de acérrimos inimigos do *Nacional Sindicalismo*, estes

últimos em manifestas atitudes belicistas. Corria, com insistência, pela cidade, que o botequim seria assaltado e os *camisas-azuis* corridos a tiro, como se fossem lobos. Mas tal, felizmente, nunca se verificou, pois a luta a travar-se, teria sido de trágicas consequências, especialmente para os assaltantes. Isto garanto eu, à fé de quem sou.

Muitas outras *tertúlias*, interessantes e animadas, existiram neste lindo *café* do Porto. Uma delas podia ser denominada de sessão particular do *Instituto de Medicina Legal*. A ela presidia o Dr. Manuel Lourenço Gomes, grave, circunspeto, ou o Dr. Francisco Coimbra, médico *doublée* de fino ironista, acerado e cortante... Compunham-na outros clínicos e cirurgiões, bem conhecidos no burgo: Sebastião Lopes, Manuel Portela, Couto Nobre, Manuel Araújo, Melo Pestana, Carlos Borges.

Se o proprietário do «Nacional Palácio», o Snr. Ribeiro, simpático e bonacheirão, era monárquico confesso e entusiasta, nacionalistas apaixonados eram os seus dois empregados de mesa, Artur e Almeida, sempre amáveis e solícitos para a clientela.

Tomar café foi sempre, na capital do Norte, cidade burguesa por excelência, um hábito e um vício.

Excelente vício, esse, que a todos nós, moços de sangue na guelra e almas primaveris, nos reunia, há cerca de três décadas, à rumorosa mesa desse interessantíssimo botequim tripeiro, de história viva, pitoresca, apaixonante, que não encontrou ainda, infelizmente, o seu completo monografista.

Dizem que recordar é viver.

Ao evocar, porém, o «Nacional Palácio», a que anda intimamente presa uma parte da minha juventude longínqua, eu direi antes que recordar é morrer de saudades...

Não será assim?



Duas imagens da distribuição do sabão CUF

A CUF, num gesto significativo de publicidade, resolveu oferecer a todo o pessoal da TEBE uma embalagem do seu acreditado sabão.

Em face de tal atitude, a gerência da TEBE e o seu «Boletim» não podiam ficar indiferentes ante tal acontecimento, pelo que aproveitaram o ensejo de endereçar as suas saudações a tão grande Organização, fazendo votos para uma maior e melhor compreensão do referido artigo.



FÁBRICA DE BORRACHAS **ENFIM**

A alta qualidade dos seus produtos tornam-nos os mais preferidos pelas principais fábricas do País, entre as quais se honra de fornecer também a Fábrica Barcelense, de «João Duarte & C.^a, Lda.», cujos artigos muito dignificam a sua organização e a Indústria Nacional.

A. Henriques & C.^a, L.^{da}
S. JOÃO DA MADEIRA

M. Carvalho d'Abreu

MATÉRIAS PRIMAS — MÁQUINAS INDUSTRIAIS
— AGENTE E IMPORTADOR —

Residência, TELEF. 22841

TELEFONE, 27340

End. teleg.:
DABREU — PORTO

Rua Santa Catarina, 686 ^S/_L

PORTO (Portugal)

SINGER*

DEPARTAMENTO INDUSTRIAL



* Marca Registrada de
The Singer Manufacturing Co.

A melhor organização de fabrico e venda
de máquinas de costura em todo o Mundo

Máquinas especiais para a grande indústria e semi-industriais para o artesanato

Cerca de 2.000 modelos diferentes para todos os fins da costura industrial

Sede:
Avenida 24 de Julho, 42
Telef. 67 22 40
LISBOA

Agência no Norte do País:
R. Sá da Bandeira, 268
Telef. 2 42 07
PORTO

Agência no Centro do País:
R. Ferreira Borges, 58
Telef. 2 37 19
COIMBRA

Carlos Cardoso

Rua do Bonjardim, 551-571 — PORTO

Telef. 24955 (4 linhas) — Teleg. CARDO

FILIAL:

Rua da Trindade, 20-2.º — LISBOA

Telef. 32801 — Teleg. LISCARDO

Anilinas e Produtos Auxiliares
Insecticidas e Fungicidas
Especialidades Farmacêuticas

REPRESENTANTE DE:

J. R. Geigy S. A.

BASILEIA — SUÍÇA

José Correia Ramos

«PEROSINHO — CARVALHOS — GAIA»

Telefone 20 — CARVALHOS

Fabricante de máquinas e acessórios para a Indústria Têxtil

Especialidade em fabrico de teares de fitas e batentes de caixão até 4 lançadeiras, direitas ou circulares

Simão Guimarães, Filhos, L.^{da}

fotogravadores / desenhadores

Novas instalações

Rua do Pombal, 122

Telef. 25587/25616

PORTO

Dr. Rodrigo Cerqueira Veloso

Por AUGUSTO SOUCASAUX

FOI uma figura notável no meio mental barcelense, no foro e no demais!

A Casa de Santa Maria, no Largo José Novais, que foi sua, estava recheada de livros, no rés do chão, no 1.º andar e até nas águas furtadas!

Para se transitar no corredor principal, só a um de fundo, pois não cabiam duas pessoas a par, devido à estantaria.

No canto do edifício sul-poente, nos baixos, figuravam as edições de luxo, em magníficas encadernações: "O Inferno", de Dante, "o Paraíso Perdido", de Gil Braz de Santilhana", "O Minho Pitoresco", "A Vida das Flores", "D. Quichote de La Mancha", etc.

Mas não era só em Barcelos, também na sua propriedade veraneante na Apúlia e no lindo monumento torreado em Criselo, se deparavam livros e mais livros!

E na *multidão* ele, de pronto, sem o recurso do ficheiro, tinha a mão o exemplar para leitura ou simples consulta.

E duas referências a anotar: o *catálogo* dos livros que, por sua morte, foram leiloados, tem um acentuado valor, pois ainda não há muito soube que o seu custo era aproximadamente de trezentos escudos!

Redactoriava um semanário intitulado "A Aurora do Cávado", de feição acentuadamente bibliográfica. Em regra ocupava na crítica ou simples referência, aproximadamente, o espaço de duas e mais páginas!

Tinha o formato de "O Barcelense".

Disse-me um meu como que familiar, de sobrenome Brandão, que era distribuidor de correio, que a correspondência que lhe era destinada correspondia, no quantitativo, a uma terça parte da totalidade da dirigida à gente de então, que havia na vila!

Como orador era como que um conversador na fisionomia do dizer sem arroubos tribu-

nícios. Profundamente simpático em animar aqueles que iniciavam carreira em que a oratória tinha de ser metida em linha de conta.

Quando havia um debate, e em regra isto sucedia nas festas aniversariantes dos Bombeiros, ele era uma espécie de ministro plenipotenciário introdutor.

Poucos vivemos os que o podem recordar: — O Plácido Lamela e o Dr. Augusto Monteiro! Não me lembra de outros sobreviventes.

Quando vinham aqui oradores sacros, de nomeada, como Alves Mendes e António Cândido (para não citar outros) nós, os desse tempo, aguardávamos ansiosos a crítica às orações proferidas.

E houve em certa altura controvérsia notória entre ele e os autores!

Ora vou aqui transcrever uns comentários sobre uma Procissão de Corpus Cristi realizada aqui na nossa terra.

E não fica mal dizer que, então, eu era o dador de tinta na impressão a prelo do semanário. Cem exemplares à hora! Ainda começavam então a aparecer as Marinonis e longe... as rotativas!

Só mais tarde... é que subi de posto, a compositor!...

Segue, pois, com todo o seu sabor a prosa, que dá motivo a estas linhas.

É bom informar o leitor que o Dr. Rodrigo Veloso era católico de consciência religiosa, monárquico e de falange dos progressistas.

Atenção! Há 73 anos!

Procissão do Corpo de Deus

«Efectuou-se na Quinta-Feira passada nesta vila, com a usual solenidade, a Procissão do Corpo de Deus.

Tendo a civilização indo mandando pouco a pouco muitas das velharias grotêscas que, em tempos idos, se incorporavam nesta solenidade religiosa e faziam nela as delicias do rapazio, mau é que ainda entre nós não levasse de vencida o desharmonioso charivari dos tambores e cornetas que abrem o preito, e que são verdadeira peça de carnaval pelo pintalgado e risível vestuário dos tangedores dos rufos e dos bufadores das tubas, e verdadeiro susto e terror para os ouvidos pelas desentoadas notas que soltam, fazendo lembrar

«E os Mães que o som terrível escutaram,
Nos peitos os filhinhos opertaram.»

do nosso Camões.

E por agora nada observaremos com relação a S. Jorge, e o seu estado, numeroso no corrente ano, mas pouco digno da nobre prosapia do santo, do enorme S. Cristovão, do boi bento e do carro das hervas, visto que são o enlevo ainda, sem ofensa flagrante dos sentidos, de muita gente.

Pela primeira vez entre nós se incorporaram na procissão do Corpo de Deus, na Quinta-Feira passada, as diversas escolas primarias municipais de instrução, representadas por um certo numero de seus alunos e respectivos professores. Cada um levava à frente bandeira azul e branca, tendo insculpidas as armas de Barcelos e o nome da respectiva escola. As bandeiras foram fornecidas pela Camara Municipal.

Sendo convidados o Colegio de S. José e a Escola do Club Democratico desta vila, (ambas tendo prestado os melhores serviços à causa da instrução), para se incorporarem na procissão, ambas aceitaram, mas só aquela figurou nela, levando à frente de seus numerosos alunos uma bandeira em tudo identica à das Escolas Municipais. A Escola Democratica não tomou parte no prestígio, porque tendo a sua bandeira propria, entendeu que não devia apresentar-se com outra que não essa, o que amavelmente lhe foi recusado, por ser a sua côr vermelha e portanto revolucionaria...

Houve receio, e bem justificado, atentos os ultimos sucessos no cemiterio de Pére Lachaise em Paris,

Constituição da Federação das Casas do Povo do Distrito de Braga

Por Alvará de 23 de Julho passado, Sua Excelência o Ministro das Corporações e Previdência Social aprovou os Estatutos da Federação das Casas do Povo do Distrito de Braga.

Foi assim dado despacho favorável ao requerimento que, para o efeito, havia sido dirigido a Sua Excelência pelos dirigentes de todas as Casas do Povo do distrito e que foi assinado durante uma reunião que se realizou na sede da F. N. A. T., conforme a imprensa noticiou, na altura, largamente.

O novo Organismo Corporativo que agora se criou e que é intermédio da Corporação e goza de personalidade jurídica, tem as seguintes atribuições:

1— Coordenar a actividade das Casas do Povo federadas;

2— Representar as Casas do Povo nos conselhos da corporação da Lavoura;

3— Promover, na sua área, a constituição, desenvolvimento e o aperfeiçoamento das Casas do Povo;

4— Estabelecer acordos com os diferentes serviços do Estado, as autarquias locais, os organismos e instituições de previdência e assistência particular, em ordem à plena realização dos fins das Casas do Povo;

5— Colaborar, nos termos da legislação vigente e dentro da esfera das suas atribuições, na execução das medidas tendentes à forma-

ção do espírito social e da consciência corporativa;

6— Fomentar a criação e o desenvolvimento dos serviços sociais corporativos e do trabalho, previstos na Lei n.º 2.085, de 17 de Agosto de 1956;

7— Tomar a iniciativa da construção de casas para trabalhadores rurais ou da beneficiação das já existentes e cooperar na execução de providências que visem a mesma finalidade;

8— Negociar com a Federação de Grémios da Lavoura da respectiva área convenções colectivas de trabalho;

9— Estudar, por si ou em colaboração com a Federação de Grémios da Lavoura da respectiva área os problemas relativos ao trabalho agrícola;

10— Exercer as funções políticas conferidas por lei, incluindo as que já foram definidas em relação ás federações de grémios e de sindicatos nacionais.

Em face do que fica exposto muito há a esperar da acção futura do Organismo de que anunciamos o nascimento, pelo que é com forte esperança que saudamos o seu aparecimento e fazemos votos para que a sua missão coordenadora e orientadora seja facilitada pela compreensão e boa vontade de todos os que por seu intermédio, directa ou indirectamente, hão-de colher benefícios.

A Razão do Estado

Goethe afirmou: «Prefiro uma injustiça a uma desordem». Resta apenas saber se a injustiça, mesmo no caso de ser única e meramente de excepção, não constitue uma gravíssima ameaça, ao inocular um germe de morte em toda a extensão do corpo social. Há 200 ancs já que o dilema está posto, embora desde Jesus até aos nossos dias tenha aumentado sempre o rol daqueles, contra os quais a razão de Estado é invocada. — Daniel Ropes.

(facto que foi lembrado), de que a vista da bandeira vermelha fizesse rebendar uma revolução comunista, que em face da paixão incontestavel do nosso povo pela côr vermelha, rapidamente se alastrava pelo nosso país, desde Melgaço até ao Cabo de S. Vicente... E é para louvar a Deus que esforços bem combinados e bem sucedidos da policia conseguissem que as opas vermelhas das Irmandades, predominantes na procissão, e o estandarte da Camara Municipal, não

dessem os mesmos resultados que se arreceavam da bandeira do Club Democratico...

Aplaudindo a resolução tomada, alvitriamos, se tivéssemos voz em capitulo, que para evitar dúvidas futuras e conter a *bernarda* de vez, se decretasse a supressão perpetua da gama vermelha das côres, deixando em paz e às moscas os protestos do arco-iris e da natureza inteira, desde as auroras boreais até ao hábito externo da vermelhusca cereja...

Fábrica de Fiação e Tecidos de Barcelos, L.^{da}



FABRICO DE:

Fios de Algodão Cardados e Penteados
Fios de Fibras Artificiais

PARA:

Tecelagem, Malhas, Pesca e Passamanarias, etc.

RETORCEDURA

TINTURARIA

BRANQUEAÇÃO

FÁBRICA:

Rua Cândido da Cunha
Telefone 8313
BARCELOS



ESCRITÓRIO CENTRAL:

Rua da Fábrica, N.º 21
Telefone 24526
P O R T O



Problemas de Educação

Por M. L.

ENTRE os muitos variados e complexos problemas da vida social é, sem dúvida, a educação das crianças o que mais sérias preocupações nos causa. São tantos os factores a considerar, que se torna verdadeiramente impossível resolvê-lo satisfatoriamente, apregoando normas e preceitos como soluções eficazes ou como directrizes seguras para alcançar os resultados desejáveis.

Todos os pais ambicionam que os seus filhos sejam cidadãos exemplares, homens de carácter e de trabalho, mas poucas vezes pensam na luta constante travada entre a criança que se julga livre e a sociedade que a vai prendendo aos seus hábitos, às suas tradições, às suas leis, às duras exigências da vida social. Ninguém nasce absolutamente livre, todos nascemos presos a características físicas e psíquicas que hão-de condicionar muitos dos nossos movimentos e atitudes, mas todos nascemos com direitos que é preciso respeitar e não esquecer, para não criar inúteis ou revoltados.

Todos os homens, hoje mais do que nunca, falam constantemente das suas muitas regalias e liberdades, mas esses mesmos são os que mais teimosamente continuam a desconhecer os direitos das crianças, as suas aspirações, os seus anseios e lutas.

É confrangedora a educação da maior parte dos pequeninos dos nossos tempos. Eles não têm lar — vivem na rua, eles não têm família — que anda dispersa pelas ocupações; eles não têm hábitos criados pela vigilância constante dos pais; eles não têm aprumo, nem disciplina, desconhecem o respeito, e a obediência às pequenas canseiras.

Em tempos que não vão longe educar a criança era adaptá-la à vida do adulto; era dar-lhe os hábitos, os sentimentos, os raciocínios do homem feito; educar a criança era dirigir forçadamente os seus passos para o caminho trilhado pelos adultos sem lhe consentirem um desvio, sem admi-

tirem uma réplica, sem atenderem ou escutarem uma súplica. A criança era considerada um homem em ponto pequeno, portanto, com as mesmas reacções, diversas, apenas, em intensidade.

Foi Jean Jacques Rousseau quem de súbito fez os pedagogos, os mestres e os pais estacarem no seu caminho, abrirem os olhos ante uma realidade e depois, pacientemente debruçarem-se em devoção sobre a criança que eles não conheciam, sobre o adolescente que ignoravam também. O sábio filósofo francês aconselhava: — Conheci a criança e então depois educaia-a.

Começou então uma série de estudos profundos sobre esse novo ser, surgido no século XIX — a criança. Sábios filósofos, pedagogos notáveis, médicos, mestres e pais procuram aprofundar e ve-

(Continua na página 11)

Nobres figuras femininas

Por MARIA MATILDE

ERA uma vez... Em 1820, os abastados senhores Nightingale, vivendo então em Florença, na Itália, tiveram a alegria de ver a família aumentada com o nascimento da segunda filha — a quem puseram o nome de Florence.

Esmerou-se o casal na educação de suas filhas, e qualquer delas recebeu uma instrução bem acima da média, em relação à época. Florence, desde muito pequena manifestou o desejo de abrandar o sofrimento alheio — chegando até a tratar dos animais quando não podia cuidar das pessoas! E desde cedo mostrou grande interesse pelas instituições hospitalares — a tal ponto que aos 20 anos pediu licença aos pais para aprender enfermagem.

Acontecia porém que esta profissão estava pouquíssimo desenvolvida, e por isso mesmo pouquíssimo considerada. Assim os senhores Nightingale acharam deprimente para a sua elevada profissão social e recusaram.

Florence não desistiu...

Sentia-se chamada para essa vida! Pacientemente esperou pelos 30 anos, e conseguiu então a sua independência. Partiu para a Alemanha, onde graças a outra mulher corajosa — Frederica Fliedner — a enfermagem estava mais adiantada.

Seguiu um duríssimo treino — houve quem duvidasse de que pudesse aguentar — mas persistiu até ao fim, e de lá partiu para Paris, onde aprendeu imenso com as boas Irmãs da Caridade.

Mal voltou a Inglaterra soube em que terríveis condições eram tratados os feridos da guerra da Crimeia. Sentiu-se precisa ali, e ofereceu os seus serviços ao Secretário da Guerra — e a carta que levava a proposta cruzou-se com outra daquele senhor pedindo-lhe para ir para a Crimeia...

Começou nessa altura a fase mais conhecida da sua vida. Quando chegou, tudo era horrível: falta de asseio, os feridos deitados com as fardas por não haver roupa de cama, camas péssimas, quando as havia — muitos morriam pelo chão...; falta de medicamentos, comida intragável, e sobretudo enorme sofrimento e desmoralização.

A pouco e pouco — e muito prudentemente, pois que os médicos não viam necessidade da sua presença — tudo foi reformando, melhorando. Em pouco tempo todos a consideravam indispensável... Daí ficou conhecida como uma figura quase lendária; era «o anjo branco», «o anjo da Crimeia», ou a «senhora da lâmpada» — por percorrer de noite as enfermarias com uma candeia na mão, confortando todos com o seu sorriso calmo (por mais extenuante que tivesse sido o dia)!

(Continua na página 11)

A nossa casa

A NOSSA CASA É SEMPRE LINDA E BOA
QUER SEJA UMA CHOUpana POBReZINHA
CONSTRUÍDA DEPRESSA QUASE À TOA
QUER SEJA UM PALACETE DE ALTA LINHA.

A NOSSA CASA É O TECTO QUE ABENÇOa,
QUE NOS ACALMA, QUE NOS ACARINHA,
QUE IMPORTA QUE ELA TENHA UMA COROA
OU SEJA POBRE, RÚSTICA E VÊLHINHA?

A NOSSA CASA — PAÇO DE NOBREZA,
— PALÁCIO RECAMADO DE RIQUEZA,
— OU MORADIA SIMPLES E MODESTA,

— É SEMPRE A NOSSA CASA, O NOSSO LAR,
ONDE TODOS QUEREMOS ACABAR,
QUANDO OÚTRA VIDA SUCEDER A ESTA.

Dulce de Montalvo

O LAR

O lar doméstico é a fonte de todas as virtudes sociais, e nele se guarda, como num santuário, o germe de todos os feitos grandes e heróicos.

FLORES

Vendedores ambulantes

O homem está naturalmente destinado a sentir; isso representa a sua essencialidade e traduz o seu mérito psíquico.

Igualmente também, o poeta, observando e sentindo, finaliza uma função altamente intelectual e humana: erguer do esquecimento alguns quadros da vida, raramente contados e cantados, mas que traduzem, particularmente, uma parcela do conhecimento do mundo.

Supomos pouco existir em verso sobre este tema. Como o homem é o próprio fim de todas as pragmáticas e como os vendedores ambulantes fazem parte do mundo, justo é que nós os retratemos através do seu destino, revelando-lhes os seus contrastes e adivinhando-lhes as suas ansiedades.

Parece que traduzimos o seu mundo.

O desenho do artista barcelense, nosso particular amigo, António Carlos Esteves, mais ajudará a sentir o meu punhado de versos.

António Baptista

SOBRE MEDICINA

É muito maior o mal que pode fazer um médico ignorante, do que o bem que pode fazer um médico sabedor.

Mantegazza

II

Os homens apenas chamam os médicos quando sofrem, as mulheres mando-nos chamar sempre que se enfastiam.

M.^{me} de Genlis



Eis uma imagem da medicina na Idade Média — PINHEL



(Desenho de António Carlos)

Vendedores Ambulantes

Fantasma de mim mesmo, eis-me cansado.
A caixa de madeira é minha cruz,
Arrasto-a lentamente. Não sou Jesus
Mas cumpro a minha vida amargurado.

Sofri chacotas, rizadas, gretei pus,
E dos meus pés de pobre condenado
Nascem espinhos e cravos lado a lado
Na sinfonia heróica que conduz

A minha fé no mundo e no futuro.
Vender... vender somente, eis o meu fim...
Um pente, uma gravata... uma pulseira.

E assim vivo os meus dias neste muro
D'abismos, de fantasmas e de mim
Envolto de miséria e de canseira.

Barcelos, 25 de Agosto de 1958.

António Baptista

Vendedores ambulantes

Gravatas, pentes, pulseiras
E rodízios desmaiados
Traduzem nas nossas feiras
Os vendedores apagados.

Carteiras, perfumes... sei lá...
Um mundo de fantasia,
Vagueia de cá p'ra lá
Em nostálgica harmonia.

Alguns rostos esfaimados
Já bem gastos de sofrer
Vão pedindo, amargurados,
Uns tostões para comer.

Um rodízio p'ro menino,
Uma gravata estampada,
Uma caixa de plástico
P'ra of'recer à namorada.

Uma pulseira burguesa,
Um anel de fantasia...
Um mundo de bugigangas...
Tudo na caixa se via.

Este cenário real
Em toda a parte é presente
É nas feiras um sinal
Do viver da nossa gente.

Ninguém liga ao ambulante,
Ninguém sabe que ele existe
E contudo é bem grande
A tormenta que lh'assiste.

Um rodízio p'ró menino,
Uma gravata estampada,
Uma caixa de plástico
P'ra of'recer à namorada.

António Baptista

SOBRE MEDICINA

Entre dois, entre três, entre
muitos médicos bons, escolhe
sempre o que tiver mais coração.

Mantegazza



Outro desenho que deixa ver a maneira como na Idade Média se curavam os doentes — PINHEL